



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Biografias e sinopses
15º COLÓQUIO DA LUSOFONIA
MACAU 11-15 ABRIL 2010
ISBN 978-989-95891-7 -9



alto patrocínio

patrocínio da **Presidência do Governo Regional dos Açores /**
Direção Regional das Comunidades



e Câmara Municipal da Lagoa



Organização:



ruínas de são paulo



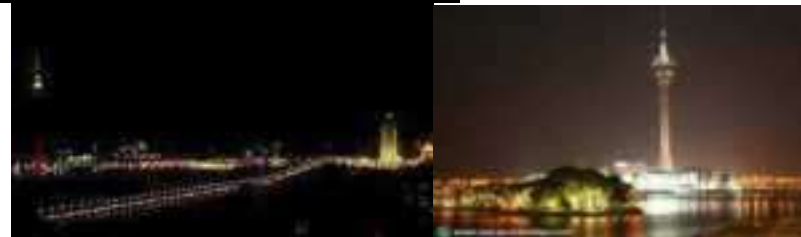
ponte da amizade



ponte sai van



ponte governador nobre de carvalho



ponte governador nobre de carvalho torre de macau

Macau: quatro séculos de Lusofonia
- Passado, Presente e Futuro

1. *TEMAS 2011*

15º Colóquio da lusofonia
(6º encontro açoriano da lusofonia)

1. HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:

1.1. Autores lusófonos (Macau) esquecidos

Graciete Batalha (1925-1992),
Adé dos Santos Ferreira (1919-1993),
Deolinda da Conceição (1914-1957),
Henrique Senna Fernandes (1923-2010) etc. ...
Rodrigo Leal de Carvalho (1932-) (bibliografia em
<http://www.acvl.pt/titulos.php?selecao=aut&id=1847>) etc.

1.2. Autores lusófonos esquecidos, Convidado 2011 (Açores): VASCO PEREIRA DA COSTA

2. LUSOFONIA E MACAU

2.1. AÇORIANOS EM MACAU

D. Arquimínio da Costa,
D. Manuel Bernardo de Sousa Enes,
D. João Paulino de Azevedo e Castro,
D. José da Costa Nunes e
D. Paulo José Tavares (todos bispos açorianos em Macau)
João Paulino de Azevedo e Castro
José Machado Lourenço
Silveira Machado

Fernando Gomes do Restaurante Fernando em Hac Sá

2.2. PRESENÇA CHINESA E MACAENSE NOS AÇORES

2.3. A LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁSIA E EM MACAU (no passado e no séc. XXI)

O ESTADO DA LUSOFONIA:

3.1. Questões e raízes da Lusofonia.

3.2. 2º Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico de 1990

3.3. Vocabulários Unificados, gramáticas, a uniformização da nomenclatura científica e técnica (onomástica, toponímia, química, física), a norma culta.

3.4. Língua Portuguesa como língua segunda e como língua estrangeira



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



- 3.5. Situação do uso da língua portuguesa no mundo
 3.5. Lusofonias e Insularidades
 3.6. Literatura de língua portuguesa
 4. **TRADUÇÃO:**
 4.1. Tradução de autores portugueses no estrangeiro.
 4.2. Tradutores CHINESES e autores portugueses
 4.3. Tradução Monocultural e intercultural
 4.4 Tecnologias e Tradutologia
 5. Discutir nas conclusões
 5.1. Como DINAMIZAR PROJETOS dos Colóquios da Lusofonia
 5.2. MUSEU DA LÍNGUA/MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA
 5.3. CURSO BREVE DE ESTUDOS AÇORIANOS,
 5.4. CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS
 5.5. LEXICOPÉDIA (DICIOPÉDIA CONTRASTIVA) DA LÍNGUA PORTUGUESA
 5.6. CRIoulos DE ORIGEM PORTUGUESA, CRIAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS
 5.7. FCT E Outros projetos

2. LISTA DE PARTICIPANTES

Oradores, títulos e temas de trabalhos

1) ANA FRANCO	FAC. DE LETRAS, UNIV. DE LISBOA PORTUGAL	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MACAU ATRAVÉS DA LITERATURA: FICÇÃO OU REALIDADE?	1. 1
2) ANA PAULA ANDRADE	CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA AÇORES	Concerto cancionero açoriano	
3) ANABELA FREITAS MIMOSO	CEI-EF UNIV. LUSÓFONA DE HUMANIDADES&TECNOLOGIA PORTO, PORTUGAL	RODRIGO LEAL DE CARVALHO: ENTRE OS AÇORES E MACAU	1. 1
4) ANABELA LEAL BARROS	UNIV. MINHO, DEPTº ESTUDOS PORTUGUESES E LUSÓFONOS, BRAGA PORTUGAL	VARIAÇÃO E DESVIO NA PRODUÇÃO ESCRITA EM PORTUGUÊS PARA O PÚBLICO DE MACAU	2. 3
5) ANABELA NAIASARDO	UID –UNIDADE INVESTIGAÇÃO DESENVº DO INTERIOR, INSTº POLIT.º GUARDA, PORTUGAL	INTIMIDADES E AMBIENTES LITERÁRIOS E ARTÍSTICOS NA OBRA DE ANA TERESA PEREIRA	3. 6

6) CARLOS BOTÃO ALVES	ESCOLA SUPERIOR DE LÍNGUAS E TRADUÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, CHINA	ANÁLISE DE UM CASO PARADIGMÁTICO DE TRADUÇÃO CULTURAL: O BUDISMO ANTERIANO	4. 1
7) CHRYS CHRYSTELLO	UNIV BRIGHTON UK/ AUSTRÁLIA	AÇORIANIDADES	3. 5
8) Conceição Casteleiro	presencial		
9) CONCHA ROUSIA	ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA	MUDANÇA DE NARRATIVA II, ANÁLISE DOS DISCURSOS APARECIDOS DESDE A CRIAÇÃO DA AGLP.	3. 5/ 3. 1
10) EDMA ABDUL SATAR	INSTº DA EDUCAÇÃO, UNIV LISBOA, MOÇAMBIQUE	UM "BRANCO" EM TERRAS MOÇAMBIÇANAS	3. 6
11) EDUARDO BETTENCOURT PINTO	EDITOR REVISTA LITERÁRIA SEIXO REVIEW VANCOUVER, CANADÁ/ANGOLA	ESCRITOR CONVIDADO A REPRESENTAR A DIÁSPORA AÇORIANA NO CANADÁ	
12) EVANILDO C. BECHARA	ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, BRASIL	AO 1990	3. 2
13) FERNAND A Mª MELO ALVES	FACULTAD DE HUMANIDADES COMUNICACIÓN Y DOCUMENTACIÓN, UNIVERSIDAD CARLOS III DE MADRID ESPAÑA	A LÍNGUA PORTUGUESA NO CIBERESPAÇO: ANÁLISE DE ALGUNS PROJETOS	3. 1
14) FERNAND A SANTOS	CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA PORTUGAL	O COLÉGIO DE SÃO PAULO E O PROJETO MODERNO DE GLOBALIZAÇÃO RELIGIOSA DOS JESUÍTAS A ORIENTE	3. 1
15) FRANCISCO O MADRUGA	EDITORA CALENDÁRIO DE LETRAS, PORTUGAL	A IMPORTÂNCIA DO LIVRO NA PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS NO CONTEXTO DA LUSOFONIA	3. 6



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



16) HELENA ANACLETO-MATIAS	ISCAP, INST ^o CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO, PORTO, PORTUGAL	FERNÃO, MENTES? – SINTO! ECOS D’ “A PEREGRINAÇÃO” NA VIAGEM COMO APRENDIZAGEM EM RICHARD ZIMLER.	3. 6			NO LIVRO “PEREGRINAÇÕES” DE FERNÃO MENDES PINTO E EM FONTES CHINESAS CONTEMPORÂNEAS		
17) HELENA CHRYSTELLO	EBI MAIA, AÇORES	ORG, moderadora	--		24) JOSÉ EDUARDO FRANCO	CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA PORTUGAL	O COLÉGIO DE SÃO PAULO E O PROJETO MODERNO DE GLOBALIZAÇÃO RELIGIOSA DOS JESUÍTAS A ORIENTE	3. 1
18) ILYANA CHALAKOVA	UNIVERSIDADE DE SÓFIA “ST. KLIMENT OHRIDSKI”, BULGÁRIA	FRENTE FEMININA: O COLETIVO E O (DES)IGUAL	3. 5					
19) ISA SEVERINO	UDI/ UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA., PORTUGAL	REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM NA OBRA POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA E DE ALEJANDRA PIZARNIK: A IMPORTÂNCIA DO OUTRO NA CONFIGURAÇÃO DO EU.	3. 6		25) LEONG CHEOK I	Centro de Estudos das Culturas Sino-Ocidentais INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, RP CHINA	O Ensino da Gramática e o Dicionário de Verbos Chinês-Português	2. 3
20) JACEK MATUSZAK	DIVISION OF ENGLISH STUDIES UNIVERSITY OF NOTTINGHAM NINGBO, R P CHINA /POLÓNIA	DIVERGÊNCIAS NA PERCEÇÃO DA ESTADIA DOS PORTUGUESES NA CIDADE DE NINGBO NO SÉCULO 16 BASEADAS NO LIVRO “PEREGRINAÇÕES” DE FERNÃO MENDES PINTO E EM FONTES CHINESAS CONTEMPORÂNEAS	3. 1		26) LUCIANO PEREIRA	ESSE INST ^o POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL	O CONTRIBUTO AFRICANO PARA O FABULÁRIO DE EXPRESSÃO PORTUGUESA	3. 6
21) JOÃO MALACA CASTELEIRO	ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, PORTUGAL	28 ANOS DE LABUTA PELO ENSINO DE PORTUGUÊS EM MACAU E NA CHINA	3. 4		27) LUÍS GAIVÃO	EX-ADIDO CULTURAL PORTUGAL	CULTURAS LUSÓFONAS E INTERCULTURALIDADE	3. 5
22) João Chrystello	EBI MAIA AÇORES/	Apoio técnico ao secretariado			28) LURDES ESCALEIRA	INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, RP CHINA	ANTOLOGIA BREVE DE AUTORES MACAENSES	1. 1
23) JOHN MCKENNY	DIVISION OF ENGLISH STUDIES UNIVERSITY OF NOTTINGHAM NINGBO, R P CHINA/ REINO UNIDO	DIVERGÊNCIAS NA PERCEÇÃO DA ESTADIA DOS PORTUGUESES NA CIDADE DE NINGBO NO SÉC.16 BASEADAS	3. 1		29) M^a CÉLIA LIMA-HERNANDES	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO BRASIL	GRAMATICALIZAÇÃO E PROCESSAMENTO COGNITIVO: ESTRUTURAS X-QUE NO PORTUGUÊS DO BRASIL.	3. 5
					30) M^a DO CARMO MENDES	UNIVERSIDADE DO MINHO BRAGA, PORTUGAL	AS PAIXÕES ORIENTAIS: CAMILO PESSANHA E MACAU	1. 1
					31) M^a DO ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS	DEPT ^o ESTUDOS ROMÂNICOS, UNIV. DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL	HOMENAGEM A HENRIQUE DE SENNA FERNANDES	1. 1
					32) M^a HELENA ANÇÃ	UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL	EM TORNO DA LÍNGUA PORTUGUESA: SABERES E CRENÇAS	3. 4



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



		DE AFRICANOS NÃO ESPECIALISTAS				LÍNGUA PORTUGUESA 1990		
33) M^a JOSÉ REIS GROSSO	UNIVERSIDADE DE LISBOA PORTUGAL	REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM SENNA FERNANDES	1. 1		44) TIAGO ANACLETO-MATIAS	PARLAMENTO EUROPEU, BÉLGICA	O ESTADO ATUAL DA LÍNGUA NA COMUNICAÇÃO À ESCALA EUROPEIA E MUNDIAL. EM QUE POSIÇÃO ESTRATÉGICA SE ENCONTRA E ENQUADRA O PORTUGUÊS? – VISÕES E REFLEXÕES	3. 5
34) MANUEL J SILVA	INVESTIGADOR, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL	CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS 'DESVIOS' DA NORMA LINGUÍSTICA PORTUGUESA	3. 1		45) VASCO PEREIRA DA COSTA	ESCRITOR CONVIDADO, AÇORES	"ANGRA DO HEROÍSMO – ESCALA UNIVERSAL DA LITERATURA"	3. 5
35) MÁRIO MOURA	TÉCNICO SUPERIOR, CÂMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE, AÇORES	HISTÓRIA DE DOIS AÇORIANOS NO MUNDO	3. 5		46) ZAIDA FERREIRA (PINTO)	ESCOLA SUPERIOR TURISMO E HOTELARIA IPG – UDI, INSTITUTO POLITÉCNICO GUARDA PORTUGAL	JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS E LESLIE SILKO - DOIS AUTORES, DUAS VOZES NA DEFESA DA PRESERVAÇÃO DO PLANETA	3. 6
36) Marlit BECHARA	presencial							
37) ORLANDO BELO	DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA, UNIV. MINHO, GUALTAR, BRAGA PORTUGAL	EXPLORAÇÃO DE UM SISTEMA DE DADOS TEI DE CORPORA TEXTUAIS EM CRIoulos ORIENTAIS DE BASE PORTUGUESA	2. 3					
38) PAULO SUSANA ANTUNES	UNIVERSIDADE DOS AÇORES, EBI MAIA AÇORES	NEMÉSIO E O SER AÇORIANO	3. 5					
40) PERPÉTUA SANTOS SILVA	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO & ESTUDOS DE SOCIOLOGIA, ISCTE-IUL LISBOA PORTUGAL	APRENDER PORTUGUÊS NA RAEM: RAZÕES E OUTRAS REPRESENTAÇÕES	2. 3					
41) RAQUEL MACHADO	UNIVERSIDADE DE AVEIRO PORTUGAL/AÇORES	CONCERTO CANCIONEIRO AÇORIANO						
42) RAUL LEAL GAIÃO	--- LISBOA, PORTUGAL	ADÉ: REPRESENTAÇÕES DE DÓCI PAPIAÇAM DI MACAU	1. 1					
43) ROLF KEMMLER	CEL/UTAD UNIV DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, VILA REAL, PORTUGAL/ ALEMANHA	UMA QUERELA LUSÓFONA COM FINAL FELIZ: A ENTRADA EM VIGOR DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA						

PAÍSES E REGIÕES REPRESENTADOS AÇORES / ALEMANHA /ANGOLA /AUSTRÁLIA / BÉLGICA /BRASIL / BULGÁRIA / CANADÁ /ESPANHA /EUA /GALIZA / POLÓNIA / PORTUGAL / REINO UNIDO /MACAU, RP CHINA / MOÇAMBIQUE

3. Horário

Macau - Quatro Séculos de Lusofonia: Passado, Presente e Futuro

Data: 12 A 15 de abril de 2011

Local: Instituto Politécnico de Macau

Organização: Associação dos Colóquios da Lusofonia e Instituto Politécnico de Macau

12/04/2011, 3ª Feira

9.30	<i>Acreditação de Participantes</i>	
10.00	<i>Cerimónia de Abertura: Discursos Oficiais</i>	Alunos da ESLT/IPM Pianista: Ana Paula Andrade Conservatório de Ponta Delgada + Soprano: Raquel Machado Univ. Aveiro
	Sessão Paralela 1 Música e Poesia	
11:30	Intervalo	
12:00	Vídeos Sobre os Açores e Macau	



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



12.30	Intervalo	
15.00	SESSÃO 2 - ACADEMIAS	Moderador: Chrys Chrystello
	28 Anos de Labuta pelo Ensino do Português em Macau e na China	João Malaca Casteleiro Academia das Ciências de Lisboa, Portugal
	Mudança de Narrativa II, Análise dos Discursos Aparecidos desde a Criação da AGLP	Concha Rousia Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
	O Acordo Ortográfico 1990	Evanildo Bechara Academia Brasileira de Letras, Brasil
	Uma Querela Lusófona com Final Feliz: A Entrada em Vigor do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa 1990	Rolf Kemmler , Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD, Vila Real/Alemanha
16.15	Debate intervalo	
17.00	Sessão 3 - Tema 3	Moderador - Rolf Kemmler
	José Rodrigues dos Santos e Leslie Silko Dois Autores, Duas Vozes na Defesa da Preservação do Planeta	Zaida Ferreira Pinto Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
	Frente Feminina: O Coletivo e o Desigual	Ilyana Chalakova Univ. de Sófia, Bulgária
	Representação e Linguagem na Obra Poética de Florbela Espanca e de Alejandra Pizarnik: A Importância do Outro na Configuração do Eu	Isa Severino UID, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
	Em Torno da Língua Portuguesa: Saberes e Crenças de Africanos Não Especialistas	M^a Helena Ançã Univ. de Aveiro, Portugal
18.00	Debate	
18.30	Sessão Paralela 2 Documentário Patuá	

Dia 13 de abril de 2011, 4ª Feira

09.00	Sessão Paralela 3: Passeio - Macau Antigo Sessão Paralela 4: Poesia no Jardim Camões	Declamadores: Concha Rousia, Chrys Chrystello, Luciano Pereira e Vasco Pereira da Costa
12.30	Livraria Portuguesa de Macau	
13.00	Intervalo	
15.00	Sessão 4 Tema 1	Moderador - Helena Anacleto-Matias ou Edma Satar
	A Construção da Identidade de Macau Através da Literatura: Ficção ou Realidade	Ana Franco Univ. de Lisboa Portugal

	Considerações Sobre Alguns "Desvios" da Norma Linguística Portuguesa	Manuel José Silva Univ. do Minho, Portugal
	Aprender Português na RAEM: Razões e Outras Representações	Perpétua Santos Silva ISCTE – Instituto Univ. de Lisboa, CIES-IUL, Lisboa, Portugal
	Adé: Representações de "Docí Papiçâm di Macau"	Raul Leal Gaião Portugal
16.00	Debate intervalo	
16.30	Sessão 5 Tema 3 -	Moderador - Vasco Pereira da Costa
	A Língua Portuguesa no Ciberespaço	Fernanda Melo Alves Univ. Carlos III Madrid, Espanha
	Moçambique Um Branco em Terras Africanas	Edma Satar Univ. de Lisboa
	O Contributo Africano Para o Fabulário de Expressão Portuguesa	Luciano Pereira Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal
17.15	Debate Intervalo	
17.45	Sessão Paralela 5 Apresentação dos Escritores e das Obras	Livraria Portuguesa

Dia 14/04/2011, 5ª Feira

09.30	Sessão 6	Moderador - Edma Satar ou Tiago Anacleto-Matias
	O Ensino da Gramática e o Dicionário de Verbos Chinês-Português	Leong Cheok I , Centro de Estudos Sino Ocidentais, Instituto Politécnico de Macau
	Variação e Desvio na Produção Escrita em Português para o Público de Macau	Anabela Leal Barros , Universidade do Minho, Portugal
	O Colégio de São Paulo e o Projeto Moderno de Globalização Religiosa dos Jesuítas a Oriente	Fernanda Santos e José Eduardo Franco , Univ. de Lisboa, Portugal
	História de Dois Açorianos no Mundo	Mário Moura , Câmara da Ribeira Grande, Açores
10.30	Debate intervalo	
11.15	Sessão 7	Moderador- Anabela Mimoso ou Concha Rousia
	Camilo Pessanha As Paixões	M^a do Carmo Mendes ,



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



	Orientais	Univ. do Minho, Portugal
	Antologia Breve de Autores Macaenses	Lurdes Escalera , Instituto Politécnico de Macau
	Representação da Língua Portuguesa em Senna Fernandes	M^a José Reis Grosso , Univ. de Lisboa, Portugal
	Homenagem a Henrique de Senna Fernandes	M^a do Rosário Girão dos Santos , Univ. do Minho, Portugal
12.30	Debate intervalo	
15.00	Sessão 8 Plenária Açorianidade	Moderador - Luciano Pereira ou Rosário Girão
	Vídeo Homenagem Contra O Esquecimento	
15.30	A Importância do Livro na Preservação das Línguas no Contexto da Lusofonia	Francisco Madruga , Editora Calendário das Letras, Portugal
	Escritor Açoriano na Diáspora	Eduardo Bettencourt Pinto , Vancouver, Canadá
	Açorianidades Literárias	Chrys Chrystello Univ. de Brighton, Helsinquia, Austrália
	"Angra do Heroísmo – Escala Universal da Literatura"?	Vasco Pereira da Costa Escritor Açoriano Convidado do Ano
17.00	Intervalo	
17.30	Sessão Paralela 5 IIM apresentação do IIM e Observatório da Língua Portuguesa Dr Jorge Rangel e Assinatura do Protocolo com IIM	
19.00	Cerimónia de Lançamento "Macau nos Anos da Revolução Portuguesa 1974-1979" pelo ex-Governador de Macau, General Garcia Leandro	Clube Militar

Dia 15 de 2011, 6^a Feira

09.30	Sessão 9	Moderador - Manuel J. Silva ou Helena Anacleto
	O Estado Atual da Língua na Comunicação à Escala Europeia e Mundial: Em que Posição Estratégica se Encontra e se Enquadra o Português – Visões e Reflexões	Tiago Anacleto-Matias Parlamento Europeu, Bélgica
	Culturas Lusófonas e Interculturalidade	Luís Gaivão Ex-Adido Cultural de Portugal

	Rodrigo Leal de Carvalho: Entre os Açores e Macau	Anabela Mimoso Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Portugal,
	Nemésio e o Ser Açoriano	Susana Antunes e Paulo Antunes , Escola Básica 2,3 da Maia, Açores e Univ. dos Açores
11.00	Debate intervalo	
11.45	Sessão 10	Moderador - Rosário Girão - Helena Chrystello
	Gramaticalização e Processamento Cognitivo: Estruturas e X-Que no Português do Brasil	M^a Célia Lima-Hernandes Univ. de São Paulo, Brasil
	Fernão Mentos? – Sinto! Ecos D'A Peregrinação" na Viagem como Aprendizagem em Richard Zimler	Helena Anacleto-Matias Instituto Politécnico do Porto, Portugal
	Intimidades e Ambientes Literários e Artísticos na Obra de Teresa Pereira	Anabela Sardo Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
12.30	Debate intervalo	
15.00	Sessão 11	Moderador - Concha Rousia ou Tiago Anacleto-Matias
	Análise de um Caso Paradigmático de Tradução Cultural: O Budismo Anteriano	Carlos Botão Alves Instituto Politécnico de Macau
	Divergências na Perceção da Estadia dos Portugueses na Cidade de Ningbo no Séc. 16 Baseadas no Livro "Peregrinações" de Fernão Mendes Pinto e em Fontes Chinesas Contemporâneas	John Mckenny e Jacek Matuszak Division of English Studies, University of Nottingham Ningbo, China
	Exploração de um Sistema de Dados Tei de Corpora Textuais em Crioulos Orientais de Base Portuguesa	Orlando Belo e Anabela Leal Barros Univ. do Minho, Portugal
15.45	Debate intervalo	
16.30	Sessão 12 Conclusões e Propostas	Moderador Chrys Chrystello Evanildo Bechara, Malaca Casteleiro, Concha Rousia, Vasco Pereira da Costa
17.00	Sessão de Encerramento – Especial Lusofonias	



4. BIODADOS e sinopses

1. ANA FRANCO, CENTRO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CEAUL) PORTUGAL

ANA CRISTINA DE AGUILAR COSTA FRANCO encontra-se a preparar a tese de doutoramento no Programa de Estudos Comparatistas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre José Rodrigues Miguéis, ao abrigo de uma bolsa concedida pela Fundação Ciência e Tecnologia (FCT).

Tem o mestrado em Estudos Anglísticos (2001), pela Universidade de Lisboa, com a dissertação *Ralph Waldo Emerson: Uma Reflexão sobre a sua poesia*; obteve a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (1997) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o bacharelato em Tradução (1985), pelo Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA).

É membro do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL) na linha de ação nº 5: Estudos Americanos.

Lecionou tópicos de Estudos Portugueses, incluindo Língua e Cultura Portuguesa para estrangeiros, no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lusófona, bem como no Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; lecionou *Língua e Cultura Inglesa* no Instituto Superior de Novas Profissões.

Tem apresentado e publicado diversas comunicações no âmbito do ensino de PLE, Literatura e Cultura Portuguesa, Tradução, cujas temáticas se enquadram nas suas áreas de estudo. É sócia do Centro de Formação e Apoio Escolar, *Saladula*, em Lisboa. Escreveu um conto infantojuvenil que será publicado oportunamente.

TEMA 1.1. A construção da Identidade de Macau através da literatura: Ficção ou Realidade?

A literatura enquanto testemunho de vivências, sentimentos, história e estórias de povos desempenha um papel relevante na construção e manutenção do património identitário de qualquer grupo sociocultural.

Não obstante a importância da tradição oral na preservação de uma cultura, a forma escrita, seja ficção, seja realidade, é garante de permanência para além do tempo dos seus fazedores. A presente comunicação visa abordar aspetos pertinentes observados em contributos literários sobre o território de Macau, bem como na sua relação com visão sociocultural que lhes está subjacente. Que Macau é dado a conhecer ao leitor nos textos de José dos Santos Ferreira (Adé), Luís Gonzaga Gomes, Padre Manuel Teixeira, João de Melo, Deolinda da Conceição, Maria Pacheco Borges, Maria Ondina Braga, Henrique Senna Fernandes ou Rodrigo Leal de Carvalho? E nos romances de João Aguiar ou Agustina Bessa Luís? E no soneto "Macao" de W. H. Auden, ou nas crónicas de Ian Fleming sobre Macau, inseridas na sua obra *Thrilling Cities*, onde também encontrou matéria para a criação de James Bond? Ou ainda nos contos de Macau selecionados e traduzidos de português para inglês por David Brookshaw? Macau surge então mesclada por luzes inspiradoras diversas que no seu conjunto vêm construindo e fazendo perdurar a riqueza do mundo lusófono, neste caso específico, luso-chinês.

ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES

ANA PAULA ANDRADE (1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano.

Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal "Quatro Oitavas" em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando nos últimos 3 anos o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Música de Ponta Delgada.

É a pianista residente dos Colóquios.

É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL DA AICL.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

Realizará UM RECITAL DE PIANO acompanhada por Raquel Machado e por alunos locais.

2. ANABELA MIMOSO, CEI – EF, ULHT, UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA PORTO, PORTUGAL

ANABELA DE BRITO FREITAS (MIMOSO) é licenciada em História, mestre e doutora em Cultura pela FLUP.

Desempenhou cargos na direção de duas associações de Gaia, onde reside: a Associação de Escritores de Gaia e a Confraria Queirosiana.

É investigadora de Literatura infantojuvenil e das suas relações com a pedagogia, na Universidade Lusófona. Foi membro nomeado do júri do Prémio Literário da



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Lusofonia (dos Colóquios da Lusofonia e da Câmara Municipal de Bragança) em 2010.

É diretora da revista ECOS.

Além de numerosos artigos de investigação sobre temas de língua e cultura em revistas e jornais, de manuais para o ensino da Língua Portuguesa para os 2º e 3º ciclos, é autora de um razoável número de livros de literatura infantojuvenil:

- História de um rio contada por um castanheiro (Porto Ed., 1986);
- Era um azul tão verde... (Porto Ed., 1993);
- *O tesouro da moura* (Porto Ed., 1994);
- *D. Bruxa Gorducha* (Porto Editora, 1995 e Gailivro, 2006);
- *O último período* (Âmbar, 2002);
- Um sonho à procura de uma bailarina (Âmbar, 2002
- Parabéns, caloiira! (Âmbar, 2003);
- *Quando nos matam os sonhos* (Âmbar, 2005);
- O Tesouro do Castelo do Rei (Âmbar, 2006);
- Foz Coa: entre céu e rio (Gailivro, 2007);
- Traz os olhos cheios de palavras (Âmbar, 2007);
- A vida pela metade (Gailivro, 2007);
- *O cavalo negro* (Câmara M. de Gaia, 2008);
- *As férias do caracol* (Novagaia, 2009), entre outros em coautoria.
- *Aquela palavra mar*, (ed. Calendário de Letras 2010)

É VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL DA AICL.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

Tema 1.1. Autores lusófonos (Macau) esquecidos Rodrigo Leal de Carvalho: entre os Açores e Macau

Nascido em 1932, nos Açores, Rodrigo Leal de Carvalho viveu quase 40 anos (até 1999) em Macau desempenhando aí funções de delegado do procurador da República.

Foi em Macau que escreveu os seus oito romances (*Requiem para Irina Ostrakoff* -1993; *Os Construtores do Império* – 1994; *A IV Cruzada* – 1996; *Ao Serviço de Sua Majestade* - 1996; *O Senhor Conde e as Suas Três Mulheres* – 1999; *A Mãe* – 2000; *O Romance de Yolanda* – 2005; *As Rosas Brancas de Surrey* – 2007), que revelam ambientes e personagens macaenses.

Pretende-se, através da leitura destes romances perceber como Rodrigo Leal de Carvalho entendeu a mulher nesta cultura: relações sociais, conflitos, adaptações, estilos de vida...

3. ANABELA LEAL BARROS, Deptº de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho

Anabela Barros é Professora Auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, e investigadora do Centro de Estudos Humanísticos.

Doutorada em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação intitulada *A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita* (2008), desenvolve os seus trabalhos de investigação e lecionação no âmbito da Linguística Histórica, da História da

Língua Portuguesa, da Filologia e Ecdótica, sobretudo na área da edição e estudo filológico e linguístico da poesia barroca.

Dedica-se paralelamente ao campo dos estudos da língua portuguesa no mundo, particularmente em Macau e Timor, bem como dos crioulos de base portuguesa (estando presentemente a desenvolver uma base de dados dos crioulos de base lexical portuguesa, conjuntamente com especialistas em Bases e armazéns de Dados, e estudos das reminiscências em crioulo e português de famílias de origem macaense que deixaram de dominar essas línguas ou de tê-las como maternas).

Orienta projetos e teses de mestrado e doutoramento no âmbito da história da língua portuguesa, do ensino-aprendizagem do português e das contribuições lexicais do português para línguas asiáticas.

Foi de 1991 a 1995 docente na Universidade de Macau, Instituto de Estudos Portugueses, onde lecionou em 2010 como Professora-Visitante da Universidade do Minho, tendo nesta mesma condição lecionado na Universidade de Timor Leste, em 2001 e 2003.

Tema: 2.3. VARIAÇÃO E DESVIO NA PRODUÇÃO ESCRITA EM PORTUGUÊS PARA O PÚBLICO DE MACAU

É muito abundante por todo o território de Macau o material escrito em português e destinado à população, especialmente a utilizadora desta sua língua oficial (ao lado do chinês): nas ruas, serviços públicos, meios de transporte, estabelecimentos comerciais, etc.

Essa omnipresente e comunicativa produção escrita não acha paralelo ao nível da produção oral, o que explica as suas características.

Tratando-se essencialmente de material linguístico traduzido a partir de um original em chinês (ou inglês), ou diretamente produzido por falantes de língua materna chinesa com distintos graus de domínio do português, evidencia elevado grau de erro, tipologicamente variado (mais raro nos escritos antigos de mão portuguesa).

O estabelecimento de uma tipologia desses erros, que abarcam todos os subsistemas do código linguístico, é muito esclarecedor para o estudo da aquisição do português como língua não materna, para a história da língua portuguesa em geral, e em particular da língua conservada em Macau.

Essa produção linguística é ainda de interesse para a história do léxico, em aspetos como a conservação de vocabulário antigo, o intercâmbio com línguas exóticas, uma evolução semântica própria, enriquecendo o leque da variação diatópica e diacrónica do português.

Por outro lado, revela divergências e peculiaridades pragmáticas dignas de investigação.

Para muitos desses desvios acharemos raízes nas características das línguas chinesa e inglesa, seja por serem, respetivamente, a língua materna dos emissores do texto em português e a estrangeira que melhor dominam, seja porque um falante de língua materna portuguesa sucumbiu às suas fortes interferências no momento em que transpunha ou compunha o seu discurso, em qualquer dos casos eventualmente traduzindo a partir daquelas línguas.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Outros, contudo, acham melhor explicação em aspetos antigos do próprio português, que conservou ou ganhou em Macau traços peculiares, convidando à diluição etimológica, semântica e fonológica (histórica) das unidades lexicais ou estruturais em causa.

4. ANABELA NAIÁ SARDO, UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, PORTUGAL,

ANABELA OLIVEIRA DA NAIÁ SARDO é licenciada em Ensino de Português e Francês, mestre em Estudos Portugueses e doutoranda em Literatura Portuguesa na Universidade de Aveiro.

Docente do Ensino Superior Politécnico desde 1991, começou a lecionar no Instituto Politécnico da Guarda, na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto. É, atualmente, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria deste Instituto, onde lecionava desde o ano 2000 e tinha sido, também, durante quatro anos, Presidente do Conselho Técnico-Científico dessa Escola.

Para além da investigação que está a realizar acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz alguma pesquisa ao nível do turismo literário, um turismo de nicho em franca expansão em alguns países europeus, bem como noutros de continentes diferentes.

Tema 3.6. INTIMIDADES E AMBIENTES LITERÁRIOS E ARTÍSTICOS NA OBRA DE ANA TERESA PEREIRA

Os objetivos principais deste artigo, no âmbito do 15º Colóquio da Lusofonia, são divulgar a obra da autora madeirense Ana Teresa Pereira e mostrar que a mesma se construiu a partir de intimidades e ambientes literários e artísticos que revelam o mundo em que a escritora cresceu e continua a viver, um universo repleto de livros e filmes.

A análise dos seus livros revela que a forma como a escritora encara e entende a vida tem a ver com a leitura que faz dos objetos literários e artísticos que a fascinam e de que toda a sua experiência é feita não só de factos, do que lhe acontece na realidade, mas também do que acontece nos livros que leu e nos filmes que viu, por exemplo.

Ana Teresa Pereira cresceu no meio de livros, sobretudo de autores de expressão inglesa, que marcaram indelevelmente a sua vida e obra, como a própria afirma, mais do que uma vez, em entrevistas dadas ao longo das duas décadas que delimitam a sua produção literária.

O estudo da obra, e da bibliografia sobre a mesma, permite concluir que a escritora possui um território muito seu, que explora de um modo obcecado, criando um peculiar universo literário à sua imagem e semelhança.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

5. CARLOS BOTÃO ALVES, ESCOLA SUPERIOR DE LÍNGUAS E TRADUÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, RAEM, CHINA

CARLOS MIGUEL BOTÃO ALVES, professor da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau, ensina há vinte e quatro anos em

Macau várias disciplinas nas áreas da Cultura e Filosofia assim como da Língua e da Literatura.

Cursou Filosofia na Universidade Católica Portuguesa antes de, pela Câmara de Comércio e Indústria de Paris, ter estudado Tradução e Interpretação.

Fez o seu mestrado em Estudos Luso -Asiáticos com uma dissertação sobre o Budismo Indiano na obra poética de Antero de Quental, sendo aliás na intersecção dos discursos literário e filosófico que tem incidido a sua investigação, tendo já publicado vários artigos sobre esta temática tratada em várias vertentes.

Última atualmente a sua tese de Doutoramento em Estudos Comparatistas na Universidade Clássica de Lisboa sobre a relevância da sabedoria budista nas obras de Antero de Quental e de Manuel da Silva Mendes, numa perspetiva da tradução cultural.

Ao longo de mais de vinte e cinco anos tem sido tradutor e intérprete para várias instituições internacionais, companhias multinacionais e para vários departamentos dos governos de Macau, de Hong Kong e de Taiwan, cruzando as línguas francesa, portuguesa e inglesa, das quais tem um excelente domínio.

A sua experiência como tradutor tem, há vários anos a esta parte, sido aplicada em contexto pedagógico-didático no curso de tradução e interpretação do Instituto Politécnico de Macau.

Tema 4.1 ANÁLISE DE UM CASO PARADIGMÁTICO DE TRADUÇÃO CULTURAL: O BUDISMO ANTERIANO

“Translation is always a shift not between two languages but between two cultures.” In *“Experiences in Translation”*, Umberto Eco.

É nossa intenção neste ensaio apresentar, argumentar e discutir aspetos vários em torno da complexa problemática do alcance da tradução e do ato de traduzir nas suas implicações de cariz tanto linguístico, como cultural na obra poética de Antero de Quental.

Estes dois aspetos, aliás, logo à partida, não se excluem, mas sim implicam--se de forma intrínseca: língua é cultura, e esta não se desenvolve, manifesta e desvela senão por meio daquela.

O ser e o pensar são efetivamente (faces d) o mesmo, e é nas múltiplas relações que λόγος tem com ὄντος que se estabelecem os limites epistemológicos do entendimento humano, o qual se manifesta, desde os alvares da tradição ocidental, e de modo muito peculiar na escrita de Antero de Quental, de uma forma filosófico poética. (Não nos esqueçamos neste particular que todo o pensamento pré-socrático é expresso sob a forma de poemas, em cuja concisão e profundidade desabrocha tanto o pensar teórico-lógico, como a sugestão plural e metafórica da linguagem poética).

É pois na (e pela) relação estreita entre a lógica e a ontologia que a poesia concetual, de espessura metafísica e com densidade existencialista, de Antero de Quental se apropria, por meio de um elaborado e multifacetado processo de tradução cultural, de elementos da tradição budista indiana, integrando-os na sua muito peculiar cosmovisão, tentando desvendar o sentido do existir e do pensar humanos. Interessa-nos o esclarecimento de como este processo de apropriação se desenvolve, e de como esses mesmos elementos ganham um novo sentido (e sentir) no polissistema filosófico poético anteriano



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



pois que, por meio dela, poderemos encontrar caminhos novos de entendimento do texto (cultural) fonte e do texto (cultural) de chegada.

Pela nossa análise, pretendemos fazer ressaltar com uma nova frescura, quicá surpreendente, um aspeto pouco aprofundado de textos da literatura portuguesa no seu pendor filosófico, e nas relações que, pela filosofia, estabelecem com outras grandes tradições culturais.

Tentaremos fazer ressaltar aspetos da atividade tradutória em geral, e da tradução cultural em particular, tendo por foco a receção, transformação e ativação que Antero de Quental faz de um conjunto de conceitos importados da tradição budista indiana. Incidiremos a nossa atenção no processo de deteção, transformação e receção que uma cultura faz de elementos de uma outra, quando, em determinado momento, ambas entram em contacto e, daí, analisaremos as formas através das quais esses elementos recebidos e “traduzidos” ganham novo sentido pelo novo contexto em que foram colocados. Macau, fevereiro, 2011.

6. **CHRYS CHRYPELLO, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, AUSTRÁLIA**

CHRYS CHRYPELLO (n. 1949) não só acredita em multiculturalismo, como é um exemplo vivo do mesmo: Nasceu no seio de uma família mesclada de Alemão, Galego-Português, Brasileiro e Português paterno e de marrano materno. Publicou, aos 23 anos, poesia “Crónicas do Quotidiano Inútil (vol. 1)”

Foi para Timor em 1973 onde foi Editor-Chefe do jornal local (A Voz de Timor) em Díli, e em Portugal a Revolução dos Cravos (abril 1974) destronava uma ditadura velha de 48 anos, antes de ir (1976) desempenhar funções executivas como Economista, Chefe da Divisão de Serviços Administrativos, na Companhia de Eletricidade de Macau.

Depois, radicar-se-ia em Sydney (mais tarde Melbourne) como cidadão australiano onde viveu até 1996.

De 1967 a 1996, dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita). Até 1994, escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

Durante muitos anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural daquele país. Foi Jornalista no Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Foi também Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no Ministério de Saúde do Estado de Nova Gales do Sul.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook). Igualmente difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (com quatro séculos).

Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), Chrys lecionou em Sidney na Universidade UTS, Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes.

Durante mais de vinte anos foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council (UTS Universidade de Tecnologia de Sidney). É *Mentor* dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido. É igualmente *Revisor* (Translation Studies Department) da Helsinki University.

Membro do Conselho Consultivo do MIL

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council (UTS Universidade de Tecnologia de Sidney).

É *Mentor* dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido.

É igualmente *Revisor* (Translation Studies Department) da Helsinki University.

Membro do Conselho Consultivo do MIL

Como jornalista, publicou milhares de trabalhos em jornais e revistas.

Nas últimas duas décadas, como conferencista, apresentou temas de linguística e literatura em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, etc.).

Em 1999, publicou o livro e Ensaio Político “*Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975*, esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou (e-book) a monografia “*Crónicas Austrais 1976-1996*”.

Em 2005 publicou o “*Cancioneiro Transmontano 2005*” e publicou (e-book DVD) outro volume dos seus contributos para a história “*Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter*” (> 2600 páginas, ed. de autor CD).

Entre 2007-2010, traduziu obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente Daniel de Sá (Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas, “S. Miguel: A Ilha esculpida”, “Ilha Terceira, Terra dos Bravos”, Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dorés “Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel)”, além de guias de turismo e mergulho sobre os Açores e outro material.

O seu último livro foi lançado em março de 2009 “*Crónica Açores: uma Circumnavegação, volume um*” cronicando as suas viagens em volta do mundo e aguarda a publicação do segundo volume no 15º Colóquio. Organiza os Colóquios da Lusofonia (desde 2001-2002), mantendo o interesse no ensino de tradução, multiculturalismo e Inglês.

É PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL e lidera a delegação a macau

Tema 3.5. DAS CRISTANDEADES CRIOLAS LUSÓFONAS DO ORIENTE À LITERATURA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA

Da colonização britânica e holandesa nasceram Estados. Da portuguesa nasceram comunidades de afeto. A língua portuguesa era língua franca; “portugueses” eram todos os que professassem a fé católica; amigos e aliados, todos, os que aceitassem um quinhão nessa comunidade. As “lusotopias” não eram da Coroa mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam, na unidade religiosa das igrejas e na entreatada das misericórdias. Resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



língua, os costumes, a memória da linhagem. A língua crioula falava-se nas Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente (Korlai, Birmânia, Malaca, etc.). Foi usada na Tailândia (Ayuthia/Ayutthaya) e, Bangucoque até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos correntes no relacionamento familiar e nas práticas católicas.

Os fados da Humanidade, desde que Vasco da Gama unira o Ocidente ao Oriente, não se prendiam a um só reino, uma só nação ou um só hemisfério. Somente gente surda e fechada, não reconheceria que, escancarado para sempre o Caminho das Índias, o mundo se globalizaria cada vez mais, tornando-se algo único, entrelaçando para sempre povos e continentes num destino comum. Ainda hoje estamos rodeados dessa gente mouca e empedernida. O mesmo se passou com os Colóquios. Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga. Acolhemos nos Colóquios, como premissa, o conceito de açorianidade formulado por José Martins Garcia que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência». Há vários tipos de autores, os açorianos nascidos e vividos no arquipélago (ausentes ou não), os emigrados, os descendentes, os insularizados ou ilhanizados e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Falta destrinçar se os podemos incluir a todos nessa designação açórica, literatura de significação açoriana, escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.

RECEÇÃO, ALMOÇO E PALESTRA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS 29 MARÇO 2010

7. CONCHA ROUSIA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA

CONCHA RODRIGUES PERES, Nascida em 1962, Covas (Os Brancos, Galiza) Psicoterapeuta.

Licenciada em 1995 em psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela, *especialidade em psicologia clínica*.

Master in Science, Marriage and Family Therapy, Universidade de Maryland, USA, 1999.

Tese de graduação intitulada "Multilingualism and psychotherapy".

PUBLICAÇÕES:

- As Sete Fontes, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa Arcos Online (www.arcosonline.com), Arcos de Valdevez.
- "Dez x Dez" 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).
- "Cem Vaga-lumes" Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- Herança, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.

- Primeira Antologia do Momento Littero Cultural, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
 - Nas Águas do Verso. Antologia. 2008, Porto, Portugal.
 - Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.
 - Poeta, Mostra a tua Cara. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil., Volume 7 da Coleção "Poesia do Brasil", correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil. Tem publicado poemas e outros textos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Littero Cultural.
 - Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
 - Um dia, Publicado em A Nossa Terra 2006. Análise da violência de género.
- Prémios**
- Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, 2004, Galiza.
 - Prémio de poesia do Concelho Ames, 2005, Galiza.
 - Ganhadora do Certame Literário Feminista do Condado, 2006, Galiza, o romance "A Língua de Joana C"
 - Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, 2004, Galiza.
 - Prémio de poesia do Concelho Ames, 2005, Galiza.
 - Ganhadora do Certame Literário Feminista do Condado, 2006, Galiza. com o romance "A Língua de Joana C"

Representa a AGLP em substituição de Ângelo Cristóvão e Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É sócia fundadora DA AICL

TEMA 3.5. LÍNGUA NA GALIZA: MUDANÇA DE NARRATIVA II, ANÁLISE DOS DISCURSOS APARECIDOS DESDE A CRIAÇÃO DA AGLP.

Este estudo parte do conceito de mudança de narrativa que se tem produzido na conceção da língua na Galiza desde a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa.

Inclui portanto uma introdução do ponto de vista teórico deste fenómeno sociolinguístico que está a ter lugar na Galiza no momento atual e conclui com a análise dos diferentes discursos que confirmam a hipótese da mudança desta narrativa linguística que está a ter lugar.

Neste trabalho tratar-se-á de ver como na prática se está a produzir essa mudança antecipada já desde o momento da criação da AGLP.

Desde a criação em 2008 da Academia Galega da Língua Portuguesa, na Galiza tem-se produzido uma mudança na narrativa linguística.

O discurso dominante que havia sobre a língua da Galiza afirmava que era uma língua diferente da língua portuguesa; com a criação da AGLP, esse discurso fica obsoleto e começa um período que podemos denominar de período de aparição de novos discursos.

Hoje em dia proliferam os discursos que contemplam a língua da Galiza como uma língua não diferente da língua portuguesa.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Os políticos, as personalidades sociais fazem afirmações que corroboram que a mudança, mesmo que lenta, estão a ter lugar.

A hipótese apriorística afirma que os novos discursos fogem de afirmar que galego e português são línguas diferentes, e todos eles põem de manifesto a nova conceção de galego e português serem a mesma língua.

Alguns discursos afirmarão isso de forma explícita e outros afirmarão de forma implícita.

Também se analisará como esta mudança na conceção da língua incrementa o poder da língua portuguesa na Galiza.

8. **EDMA SATAR, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE de LISBOA / MOÇAMBIQUE** esatar@hotmail.com

EDMA ABDUL SATAR nasceu a 1 de fevereiro de 1950 em Quelimane, no distrito da Zambézia, em Moçambique.

Seguiu os estudos básicos e secundários em vários colégios no país e em Portugal.

Entusiasmou-se desde cedo por línguas estrangeiras, falando para além do Português, sua língua materna, o Inglês, Francês, Alemão e Espanhol.

Frequentou o antigo 7º Ano Liceal no Liceu Pêro de Anáia na Beira, em Moçambique.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na variante Francês/Alemão, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

Terminada a Licenciatura, prosseguiu uma pós-graduação em Ciências Documentais.

Tem um Mestrado em Comunicação e Linguagem, na especialidade de Lexicologia/Lexicografia e o Curso de Doutoramento em Ciências da Comunicação e Linguagem, e prossegue a tese de doutoramento na especialidade de Tradução.

Possui ainda o Diploma de Estudos Aprofundados (DEA) em Ciências da Documentação e Informação.

Fazendo a ponte entre a Linguística e a Documentação, realçou a importância da organização das terminologias especializadas no processo de tradução/indexação documental, apresentando vários artigos em encontros, jornadas e simpósios, particularmente no XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com o artigo “*A linguística e a semiótica em diálogo com a análise documental*”, na VII Jornada de AETER em Madrid sobre *Lenguas de Especialidad y Lenguajes Documentales*, onde apresentou a comunicação “*Cuestiones aspectuales y lexicográficas de los descriptores del Proyecto Ciberdoc*”.

Desenvolveu a “Aplicação Ciberdoc” destinada à avaliação e pesquisa documental.

Com as suas propostas contribuiu para a reavaliação dos conceitos de Informação e de Análise Documental, nomeadamente no que se refere à “noção” e aos “campos temáticos” no acesso à ciberdocumentação.

Realça-se a sua participação no Curso International Terminology Summer School 2007 na Cologne University of Applied Sciences em Colónia, Alemanha, com a

apresentação de um PowerPoint intitulado “*O que significa traduzir em Linguagem Documental*”.

É responsável (juntamente com o Professor Doutor Luciano Pereira) pelo projeto da Dicipédia Contrastiva dos Colóquios da Lusofonia.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É sócia fundadora DA AICL

Tema 3.6. UM “BRANCO” EM TERRAS MOÇAMBIÇANAS

Mais do que uma homenagem contra o esquecimento, neste *XV Colóquio da Lusofonia* em terras bem distantes do palco, no qual se desenrolam os acontecimentos descritos nesta obra, pretendo dar a conhecer um escritor que deve ser desconhecido para muitos.

Não se integra no rol dos escritores portugueses nem nos mais badalados moçambicanos e, da sua autoria, conhecem-se apenas dois livros.

Os acontecimentos, enquadrados num realismo que ultrapassam as características deste movimento literário, têm como pano de fundo a Zambézia, uma das províncias mais ricas de Moçambique.

A sua descrição é de tal forma realista, que considera as coisas como são e, a tal ponto, que não esconde os nomes dos personagens, nem os lugares são fictícios.

A fiel imitação das narrações dos factos não esquece o pormenor da data nem hora, numa relação mimética entre os personagens e os cenários da pequena Nicoadala, vila situada a vinte quilómetros da capital.

Que o ateste quem lê a descrição da traição da mulher do Muanavila, “pequena” do Fortunato, o assalto da “pretalhada” à loja deste desafortunado amante e a visita da mulher ao “macangueiro”.

Lopes Marques era um português da “metrópole” que escolheu a terra moçambicana para trabalhar e onde se sentia bem, longe das lembranças da bomba lançada pelo seu pai em terras do Barreiro.

Nessa terra, onde a palavra “política” ganhou sentido na “liberdade” que encontrava na casa de Nunes, e onde o grupo de camaradas se reunia sem medo, a favor da oposição.

Afinal, ali não havia apenas colonialistas, mas homens que adotaram as terras africanas como suas.

9. **EDUARDO BETTENCOURT PINTO, escritor, VANCOUVER, CANADÁ, representa a comunidade açoriana na diáspora**

EDUARDO BETTENCOURT PINTO. Nasceu em Gabela, Kwanza Sul, Angola, em 1954. Tem ascendência açoriana pelo lado materno. Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975. Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores. Reside no Canadá desde 1983. É editor da revista literária online *Seixo Review*.

A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão. Está representado em várias publicações em Portugal, Angola, Brasil, Canadá, Estados Unidos e Reino Unido.

É funcionário estadual, consultor informático e editor da revista literária *Seixo review*, na Internet. Escreve para publicações no Canadá, Estados Unidos, Portugal e Brasil.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996). Está representado em várias antologias, nos Estados Unidos, Reino Unido, Portugal e Brasil. É membro do P. E. N Clube Português. (página pessoal do Eduardo (<http://www.eduardobpinto.com>)). Recebeu o Prêmio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano. Publicou vários livros de poesia e ficção. Alguns deles: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows/Viajar com Sombras* (2008).

Tem em preparação o livro *One Day Between Us*, ficção.

Bibliografia:

Poesia:

Emoção; Ponta Delgada, Açores, 1978.

Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.

Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979.

2ª edição, Tipografia Martinho, Macau, 1993

Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981.

(Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental).

Emersos vestígios; Sete Estrela, Mira, 1985.

2ª edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994.

A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991.

(Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et

Promotion, St. Dennis, France, 1988; para o original, então intitulado «Regresso do olhar».

Menina da Água; Éter/Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.

Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

2ª edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.

Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, Coleção Lusófona, Lisboa, 2000.

Ficção:

As Brancas Passagens do Silêncio; Signo, Ponta Delgada, 1988.

Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.

O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.

A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

Antologia (organização):

Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.

2ª edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.

3ª edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.

Tradução:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete Estrela, Mira, 1985.

Representado em várias publicações em Portugal, Estados Unidos, Canadá e Inglaterra.

Tema 3.5. LITERATURA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA

Organizar a Antologia *Os Nove Rumores do Mar* foi um privilégio e uma homenagem aos Açores. Terra da minha mãe, andou sempre comigo mesmo nos

meus dias africanos. A sua voz vinha das ilhas com o seu vincado timbre micaelense, e que me levava com frequência a imagens antigas – às casas da minha avó Irene na Rua da Vila Nova, à dos meus tios Veneranda e Guilherme na Rua de Lisboa, ao sombrio e etéreo Campo de S. Francisco e à transcendência do mar. Mas foi na poesia que toda essa carga simbólica repercutiu num imenso e harmónico cenário. Aprendi que uma antologia é uma mesa de convívio e de nutrição da alma, e que nas suas páginas ressoa o canto, o chão de um povo e as suas mais elevadas palavras.

10. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, BRASIL / PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007

EVANILDO CAVALCANTE BECHARA nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928.

É o quinto ocupante da Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro *Primeiros Ensaio de Língua Portuguesa* artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados.

Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964.

Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa.

Foi Diretor Tesoureiro da Academia Brasileira de Letras (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).

Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de Livre-Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988;

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, 1978 a 1984;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comitê Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980),
- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

É patrono dos Colóquios desde 2007.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É sócio fundador DA AICL

Resumo da palestra sobre o Acordo Ortográfico de 1990 agora em fase de implementação espaço da CPLP *Evanildo Bechara* Rio de Janeiro – Academia Brasileira de Letras

Quando se começaram no século XIX, as primeiras tentativas com base científica para a simplificação e unificação do então anárquico sistema ortográfico da língua portuguesa, o propósito maior da reforma era oferecer condições para melhor e mais racional aprendizagem de alfabetização e escrita das palavras às crianças que iniciavam os cursos primários.

Hoje, além de continuar este mesmo propósito educacional, associam-se motivações culturais e políticas para atender às novas exigências de maior difusão da língua portuguesa no mundo e, por meio dela, participar das crescentes oportunidades de política cultural, comercial e tecnológica, de um bloco de jovens nações emergentes, que procura maior presença no campo internacional que se iniciou no século XXI, fortalecendo-se vigorosamente no futuro próximo.

Começaremos por encarecer as qualidades do texto do Acordo Ortográfico de 1990, por guardar os princípios alcançados pelas reformas anteriores, especialmente com o Acordo de 1940, vigente no sistema ortográfico dos signatários luso-africanos.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Dentro desta perspetiva, procuraremos afastar algumas críticas desarrazoadas à iniciativa de implementar o novo Acordo já em 2009, na preparação da 5ª edição do *Vocabulário Ortográfico* da ABL.

Na implantação das Bases do Acordo a um universo de quase trezentos e sessenta mil vocábulos, foram adotados pela Comissão de Lexicologia e Lexicografia da ABL os seguintes procedimentos metodológicos que garantem fiel compromisso aos propósitos dos signatários oficiais:

- respeitar a lição do Acordo;
- estabelecer uma linha de coerência do texto como um todo;
- acompanhar o espírito simplificador do texto do Acordo;
- preservar a tradição ortográfica refletida nos formulários e vocabulários oficiais anteriores, quando das omissões do texto do Acordo.

Em face destes princípios, a Comissão houve por bem ir mais além do que está expresso nas Bases do Acordo.

Por outro lado, acrescenta a mesma Comissão outras sugestões como possíveis acréscimos para a 6ª. edição do VOLP da ABL e, se aprovadas pelos signatários oficiais, integrar o texto revisto do Acordo de 1990.

11. **FERNANDA MELO ALVES** *Universidade Carlos III de Madrid ESPANHA*

FERNANDA MARIA MELO ALVES, fmelo2@hotmail.com, debial@uc3m.es

Formação

Doutoramento em Documentación: Bibliotecas y Archivos en Entorno Digital, Universidad Carlos III de Madrid, 2007. Pós-graduação em Ciências Documentais, Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), 1990/1993. Especialização em Ciências da Educação, Universidade Aberta, Lisboa, 1990/1991. Curso de Especialidad en Estudios Hispánicos para Estudiantes Extranjeros, Colegio de España, Salamanca, 1984. Licenciatura en Filología Románica, Universidade de Lisboa, 1980. Bacharel em Línguas e Literaturas Modernas, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique, 1977. Curso Superior de Secretariado e Tradução, Instituto Superior de Línguas e Administração, Lisboa, 1972.

Experiência Docente

Docente do Departamento de Biblioteconomía y Documentación da Universidade Carlos III de Madrid.

Docente de Língua Portuguesa, Escola de Hotelaria e Turismo do Estoril, Ministério de Economia, Portugal, 1994/2002.

Docente de Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Francesa em várias Escolas de Ensino Secundário (ME), Instituto Español en Lisboa (ME de España), Externato Marquês de Pombal, em Portugal, 1976/1994. Professora de Português e Francês na Escola Secundária Francisco Manyanga, Maputo, Moçambique, 1975/1977.

Experiência Investigadora.

Integrou-se como investigadora em 1998, no Departamento de Biblioteconomía y Documentación da Universidade Carlos III de Madrid, e colabora com a Cátedra

Fundación Ramón Areces de Estudos Portugueses Luís de Camões, da mesma universidade.

Colabora em projetos de cooperação internacional ao desenvolvimento com os países africanos lusófonos, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique.

Tem participado em várias conferências e reuniões científicas, nacionais e internacionais, e publicado vários artigos.

É consultora e assessora de projetos de cooperação internacional. Exerce em simultâneo a atividade de tradutora e intérprete. Colabora como voluntária em projetos de ONGs e outras instituições.

TEMA 3.1. A LÍNGUA PORTUGUESA NO CIBERESPAÇO: ANÁLISE DE ALGUNS PROJETOS

Analisa-se alguns projetos de promoção da Língua Portuguesa que patenteiam diferentes iniciativas e soluções. A criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa é, por excelência, o exemplo de um projeto político cujo fundamento é a Língua Portuguesa, vínculo histórico e património comum. Norteia a concertação política e a cooperação nos domínios social, cultural e económico. O Instituto Internacional da Língua Portuguesa destina-se à promoção, defesa, enriquecimento e difusão da Língua Portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais.

Por outro lado, o Instituto de Linguística Teórica e Computacional promove a investigação em linguística teórica e computacional, orientando, presentemente, as suas investigações nas áreas do ensino da Língua Portuguesa em contexto de diversidade e no estudo do discurso e da literacia.

Outras iniciativas interessantes são, em Portugal, o Instituto Camões, e, no Brasil, o Instituto Machado de Assis, cuja missão é idêntica: propor e executar a política de divulgação e de ensino da língua portuguesa no estrangeiro.

Também são dignos de referência, o Observatório da Língua Portuguesa, o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, os Museus da Língua de S. Paulo e de Bragança, e um grande número de outras atividades.

Finaliza-se a comunicação com o projeto da Biblioteca Digital Lusófona, um portal de acesso livre e gratuito aos conteúdos digitais e digitalizados de coleções nacionais dos países lusófonos, cujo público-alvo potencial ultrapassa 200 milhões de lusófonos e um número infinito de possíveis cibernautas.

Os projetos que acabamos de enumerar são exemplos coroados de êxito de políticas linguísticas e informacionais da sociedade em rede em que vivemos, que apoiam o avanço global da Sociedade do Conhecimento no espaço lusófono, projetam e dignificam a Língua Portuguesa no Ciberespaço.

12. **FERNANDA SANTOS**, *CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, Portugal*

13. **JOSÉ EDUARDO FRANCO**, *Presidente, Direção do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa parceria com a ESAD - Fundação Ricardo Espírito Santo Silva), Portugal*



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



FERNANDA SANTOS. Atualmente é doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil, investigando o Colégio da Bahia e o projeto pedagógico dos Jesuítas no Brasil.

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, e Mestre em Literaturas e Culturas dos Países Africanos de Expressão Portuguesa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Destaca-se como investigadora integrada no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias das Universidades de Lisboa e como investigadora colaboradora na CompaRes (Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos), sendo também investigadora no Núcleo de Estudos Africanos do Instituto Europeu de Ciências e da Cultura Padre Manuel Antunes.

Foi investigadora e bolsista da Fundação Ciência e Tecnologia no projeto *Documentos sobre a História da Expansão Portuguesa existentes no Arquivo Secreto do Vaticano*, promovido pelo Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, de dezembro de 2005 a maio de 2008.

Atua também na área da ficção literária, tendo-lhe sido atribuídos o 2.º lugar no Prémio Camões Pequeno, promovido pela Câmara Municipal de Machico, em 2009, e o 1.º lugar no 4.º Prémio Literário da Lusofonia, promovido pela Câmara Municipal de Bragança e pelos Colóquios da Lusofonia, em 2010.

Foi investigadora na obra recentemente publicada pela editora Gradiva: *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*, com a elaboração de diversas entradas em ordens religiosas e ordens honoríficas portuguesas, de 2004 a 2007; revisora da edição da obra *O Mito dos Jesuítas*, volumes I e II (versão portuguesa), de José Eduardo Franco, em 2005.

Participou como revisora na edição da *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*, S.J., editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 2005 e 2010.

JOSÉ EDUARDO FRANCO. Historiador, jornalista, poeta e ensaísta. Especialista em História da Cultura.

Doutorado pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris* em “História e Civilização” e Doutorado em “Cultura” pela Universidade de Aveiro, Mestre em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Tem desenvolvido trabalhos originais de investigação nos domínios da mitologia portuguesa e das grandes polémicas históricas que marcaram a vida cultural, política e religiosa do nosso país.

Especial novidade tem representado os seus estudos sobre os Jesuítas, de modo particular, sobre o fenómeno do antijesuítismo e sobre a hermenêutica dos mitos e das utopias portuguesas e europeias.

Entre a sua vasta obra publicada podem-se destacar os seguintes livros:

- *Mito dos Jesuítas em Portugal e no Brasil, Séculos XVI-XX*, 2 vols., Lisboa, Gradiva, 2006-2007;
- *O Padre António Vieira e as Mulheres: Uma visão barroca do Universo feminino*, (em coautoria com Isabel Morán Cabanas), Porto, Campo das Letras,

2008; *Padre Manuel Antunes (1918-1985): Interfaces da Cultura Portuguesa e Europeia*, obra coordenada em parceria com Hermínio Rico, Porto, Campo das Letras, 2007;

- *Jesuítas e Inquisição: cumplicidades de confrontações*, Rio de Janeiro, Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007;
- *Padre António Vieira (1608-1697): Imperador da Língua Portuguesa*, Coordenação e coautoria, Lisboa, Correio da Manhã, 2008;
- *Jardins do Mundo: Discursos e Práticas*, Co-coordenação com Cristina da Costa Gomes, Lisboa, Gradiva, 2008, Madeira - *mito da ilha-jardim: cultura da regionalidade ou da nacionalidade imperfeita na Madeira*, Lisboa, Gradiva, 2009. Coordena a conclusão do projeto de investigação intitulado *Documentos sobre a História da Expansão Portuguesa existentes no Arquivo Secreto do Vaticano* financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e promovido pelo Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da UCP.

É também membro da comissão coordenadora do projeto da edição crítica da *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*, SJ em processo de publicação pela Fundação Calouste Gulbenkian; e coordena o projeto de edição crítica da *Obra Completa do Marquês de Pombal*.

É ainda autor e é codiretor do projeto *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e recentemente editado pela Gradiva.

Tem exercido as funções de membro da Direção do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias das Universidades de Lisboa, de Vice-Presidente da Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos e de Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Tradutores.

Atualmente é Presidente da Direção do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes (instituição da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em parceria com a ESAD - Fundação Ricardo Espírito Santo Silva), tem coordenado os cursos de Ciências da Cultura.

TEMA 2.3 O COLÉGIO DE SÃO PAULO E O PROJETO MODERNO DE GLOBALIZAÇÃO RELIGIOSA DOS JESUÍTAS A ORIENTE

Pretende este trabalho estudar o Colégio de São Paulo, considerada a primeira instituição universitária de tipo ocidental no Oriente, em Macau, que contava com um programa académico extenso, equivalente ao currículo de uma universidade. Este programa inclui muitas disciplinas, tais como Teologia, Matemática, Geografia, Chinês, Português, Latim e Astronomia.

O objetivo deste estudo é analisar como o Colégio se tornou um centro asiático de formação de missionários católicos e contribuiu significativamente na difusão do Catolicismo na China, no Japão e em todo o Extremo Oriente, contribuindo para elevar a cidade de Macau como um importante ponto de partida de missionários católicos para os diferentes países da Ásia.

Dentro do projeto moderno de globalização religiosa dos Jesuítas, o trabalho missionário em Macau foi crucial na difusão do Catolicismo no Extremo Oriente, permitindo também um maior intercâmbio cultural, científico e artístico com outros povos e outras culturas.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



O Colégio também oferecia uma instrução básica para os habitantes da Cidade, ensinando-lhes coisas simples mas muito importantes, como por exemplo a ler, a escrever e a contar.

O Colégio de São Paulo, em Macau, constitui, juntamente com a Igreja da Madre de Deus, as famosas Ruínas de São Paulo.

Da Igreja, restou apenas a fachada e a escadaria monumental.

Não se sabe ao certo qual é a data da fundação do Colégio de São Paulo, mas a sua fundação deu-se provavelmente na segunda metade do século XVI.

Em 1594, esta instituição universitária já contava com mais de 200 estudantes e 59 professores jesuítas.

Dentro do nosso estudo, pretendemos ainda mostrar como os jesuítas levaram a preocupação pedagógica e o projeto de ensino que os caracterizava a Macau.

No campo científico, os missionários da Companhia efetuaram observações que vieram enriquecer o conhecimento das regiões que percorreram.

A preocupação de aprender as línguas dos povos que evangelizavam levou-os a elaborar gramáticas e dicionários e a publicar obras de catequese e outras nas mais variadas línguas.

14. FRANCISCO MADRUGA, EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS [HTTP://WWW.CALENDARIO.PT](http://www.calendario.pt)

Nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal “*Le Monde Diplomatique*” edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Trabalhou no Jornal “Norte Popular” e foi colaborador permanente do jornal “A Voz do Nordeste”.

Teve colaboração regular nos Jornais “Nordeste”, “Mensageiro de Bragança” e “Informativo”.

Editou em colaboração com a Revista “BITÓRÓ” a Antologia “Novos Tempos Velhas Culturas”.

Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.

Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.

Convidado a estar presente em anteriores colóquios foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 para ir a Macau, divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses (e dos Açores) como Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, CHRYS Chrystello, Vasco Pereira da Costa, etc.

Será o editor da futura Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, para fazer parte do currículo escolar

dos Açores em 2011/2012. Igualmente editará a Antologia ou Anuário dos trabalhos dos Colóquios entre 2002 e 2010.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

TEMA 3.6 A IMPORTÂNCIA DO LIVRO NA PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS NO CONTEXTO DA LUSOFONIA

Apesar do reconhecimento da importância do livro na preservação da língua nas suas diversificadas formas, não tem havido vontade política para dotar os países da Lusofonia dos instrumentos necessários para a concretização de projetos de recolha, edição e comercialização de livros.

Apesar de nos últimos anos os grandes grupos que foram criados estarem a tentar implementar negócios nos diversos países nomeadamente Brasil, Angola e Moçambique isso não tem significado avanço na defesa das línguas antes tentam potenciar e alargar as oportunidades de negócio.

Urge por isso garantir a todos os países igualdade de tratamento que reforce o trabalho do Instituto Camões a par da importância dos prémios já existentes no contexto da Lusofonia.

Se a aprovação do novo acordo ortográfico permite ter uma intervenção mais globalizada nas instâncias internacionais esta não consubstancia automaticamente o intercâmbio entre as diversas realidades linguísticas através dos seus agentes mais ativos: autores, editores e público.

Várias vezes tenho sido questionado por muitos sobre a importância destes colóquios, o que fazemos, o que discutimos, o que concluímos e mais importante do que isto, que resultados práticos para a “dita preservação das línguas no contexto da lusofonia”.

Nem sempre é fácil explicar a pessoas tão diversificadas a importância dos Colóquios e ainda mais difícil traduzir por palavras o enorme esforço de investigação que muitos dos participantes fazem no estudo de autores e da sua obra, das tradições e da inter-relação entre os vários países da Lusofonia.

Juntar tudo isto não é fácil nem será no futuro atendendo às enormes disparidades entre estes países.

O trabalho desenvolvido nas Universidades e Politécnicos conduzirá a resultados palpáveis no aprofundamento destas realidades que como é sabido tem interessado académicos dos mais diversos países fora do contexto da Lusofonia.

Se é verdade que todo este trabalho está compilado não é menos verdade que não basta traduzir obras de autores para eles estarem automaticamente disponíveis.

De igual modo a recolha, registo e publicação de trabalhos de investigação em torno dos dialetos enriquece em grande medida o estudo das diversas línguas.

É verdade que estou a ir por um caminho polémico de uma área que não domino mas que pretendo refletir com todos vós e dar o salto para aquilo que verdadeiramente me fez estar aqui a partilhar experiências.

Não vos vou falar de mercado, do valor da língua (a língua não tem preço), da edição dos livros, da distribuição dos livros. Pretendo nesta curta intervenção deixar espaço para o diálogo se assim o entenderem.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



O que faz falta é uma política cultural de incentivo às trocas entre os diversos países onde se fala português.

O que faz falta é o apoio aos autores, editores e distribuidores que permita fazer chegar aos quatro cantos do mundo o que de melhor se escreve e edita.

O que faz falta nem sempre se resolve com dinheiro ou com mais dinheiro.

O que faz falta pela experiência das ténues trocas dentro do mercado lusófono são no fundamental as seguintes:

- Preços de transporte comparticipados.
- Facilidades aduaneiras na entrada dos livros.
- Apoio em cada país à distribuição e comercialização de livros em língua portuguesa.
- Constituição de um fundo de garantia a estas trocas comerciais.
- Apoio a deslocação de autores para promoção das suas obras.
- Organização de Feiras do Livro que permitam dar a conhecer o que de melhor se faz em cada país.

O caminho que se está a seguir é o inverso e tende a concentrar estas trocas comerciais com os grandes grupos editoriais que se vão instalando nos países mais desenvolvidos, como o Brasil, ou naquelas com mais oportunidade de negócio no futuro como Angola ou Moçambique.

A continuação desta estratégia conduzirá inevitavelmente a que países com menos potencialidades, não de âmbito cultural e riqueza dos seus escritores, fiquem de fora desta dinâmica.

Neste contexto deve ser obrigatoriedade da CPLP o incentivo a políticas de inclusão no âmbito cultural e da edição a par do que já está a ser feito no âmbito da consolidação da língua portuguesa com apoios vários.

Só desta forma o livro chegará ao público a preços aceitáveis para o cidadão comum. Talvez por isso ou melhor na falta disso, se perceba o porquê de se venderem tão poucos livros portugueses no Brasil e tão poucos livros brasileiros em Portugal.

Não me esqueço dos restantes países mas aí temos que investir ainda mais pois teremos que começar a construir desde a base.

HELENA CHRYSTELLO, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Vice-presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos colóquios desde o primeiro, preside ao secretariado e é moderadora de sessões.

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema “Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso” pela Universidade Aberta; curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).

Foi assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, Austrália, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005).

Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais, com trabalhos publicados em atas e revistas científicas da especialidade.

Pertence à ACT/CATS ‘Association Canadienne de Traductologie’.

Prepara, atualmente, em colaboração com a professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) uma Antologia de escritores contemporâneos açorianos para incluir no currículo regional em 2010

É Vice-Presidente da Comissão Executiva, membro da Comissão Científica e Preside ao Secretariado Executivo dos Colóquios da Lusofonia (em Bragança e S. Miguel, Açores). Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É vice-presidente da direção DA AICL.

15. ILYANA CHALAKOVA, UNIVERSIDADE DE SÓFIA “ST. KLIMENT OHRIDSKI”, BULGÁRIA

ILYANA CHALAKOVA é de nacionalidade búlgara, licenciada em Filologia Portuguesa e mestre em Tradução e Redação, e pela segunda vez mestranda em Estudos sobre as Mulheres.

Doutoranda em Literatura Portuguesa Contemporânea.

Presentemente trabalha como professora universitária de língua e cultura portuguesas na Universidade de Sófia, como jornalista para o serviço económico sobre Portugal da ADP News, e tradutora.

Tem interesses nas áreas das literaturas contemporâneas de expressão portuguesa e texto dramático português, dentro dos temas da teoria feminista, da representação do corpo e do erotismo; literaturas pós-coloniais de expressão portuguesa; literatura marginal portuguesa; o texto dramático em português e presentes e possíveis relações intertextuais com autores italianos; transferências culturais por meio da tradução.

Publica tradução e crítica literária na imprensa e edições especializadas na Bulgária, Portugal e Europa Central e do Leste.

Publicações principais:

“Níveis de construção do contraste na escrita feminina de Paulina Chisinau. Dicotomias presentes e possíveis”, in *Atas do Colóquio Internacional de 15 Anos de Filologia Portuguesa Universidade de Sófia “St. Alimenta Ohridski”*, Nov.º 07. Já tomou parte em vários Colóquios da Lusofonia desde 2007

TEMA 3.5. FRENTE FEMININA: O COLETIVO E O (DES)IGUAL

A presente comunicação parte, como princípio de análise, do comparatismo literário, trabalhando a possível transportação de conteúdos do ensaio literário de Virginia Wolf para o universo romanesco de Paulina Chiziane.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



O experimento analítico põe em questão, e em causa, a adaptação das considerações socioliterárias da autora inglesa, às temáticas ficcionais da primeira romancista moçambicana.

O que se pretende, no foco do trabalho, é dar resposta, positiva ou negativa, à pergunta: é possível empregar um *inventário*, marcada e marcadamente ocidental, na interpretação de fenómenos e vivências *palpantemente* africanos?

Mais, até que ponto é lícito, genuíno, tal paralelismo interpretativo dentro da diferenciação genérica global, isto é, pensando a mulher por oposição ao homem, e na subdiferenciação introgenérica regional, isto é, refletindo as várias faces de Eva no contexto dos seus mais variados habitáculos.

O pensamento analítico serve-se, nesta pequena digressão, dos ensaios *A Room of One's Own*, *Three Guineas*, *Professions for Women* e *Killing the Angel in the House* de Wolf, procurando a transposição explicadora no romance *Niketch. Uma História de Poligamia* de Chiziane.

16. **ISA SEVERINO, UDI/ Unidade de Investigação e Desenvolvimento do Interior Instituto Politécnico da Guarda. INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA**

isaseverino@ipg.pt

ISA SEVERINO é docente no Departamento de Línguas e Culturas do Instituto Politécnico da Guarda.

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - variante de Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Mestre em Estudos Portugueses pela Universidade de Aveiro.

Atualmente desenvolve o projeto doutoramento em literatura na mesma universidade. Tem participado em vários congressos nacionais e internacionais, que decorreram em Lisboa, Porto, Coimbra, Ribeira Grande, Rio de Janeiro, Salamanca, Santiago de Compostela, tendo apresentado artigos que constam publicados nas atas do encontros.

TEMA 3.6 Representação e linguagem na obra poética de Florbela Espanca e de Alejandra Pizarnik: a importância do outro na configuração do eu.

A escrita e sobretudo o labor poético conferiram a Florbela Espanca e à escritora argentina Alejandra Pizarnik um estatuto diferente e insólito relativo às mulheres da sua época, refletindo-se na forma de sentir, de se expressar, de viver e consequentemente de escrever.

Apesar do hiato de tempo que medeia a vida e a produção literária das duas autoras, apesar de os contextos históricos e sociais que pautaram a sua existência serem totalmente diferenciados, existe uma motivação comum – o desejo da escrita e a escrita do desejo.

Na verdade, a escrita surge com funções contraditórias, como angústia de escrever o poema perfeito, que sabem ser impossível; uma forma relembrar o passado, a infância e, ativando a memória, de reconstruir o seu eu na recriação da identidade e da narrativa pessoal.

Os textos das autoras ecoam e/ou dão testemunho de vivências, de estado de alma, de acontecimentos sucedidos, mas já transmutados no ato de escrita.

Assim, esta intervenção tem como objetivo estabelecer uma análise comparatista entre textos de ambas autoras - Espanca e Pizarnik - e analisar as interseções que se estabelecem nas representações da vida, salientando o importante papel que a produção literária exerceu no trajeto existencial das escritoras, constituindo-se como uma forma de comunicar com o mundo e concomitantemente de isolamento.

17. **JACEK MATUSZAK UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM, NINGBAO, CHINA /POLÓNIA**

Jacek Matuszak, nascimento: 6 maio 1967

jacek.matuszak@nottingham.edu.cn

- Mestrado em Filologia Inglesa – Universidade de Adam Mickiewicz, Poznan, Polónia (reconhecido pela Universidade de Brasília, UNB)

- Diploma em Ensino de Inglês para Adultos (DELTA) – Universidade de Cambridge

EDUCATION

1992 MA in English - *Adam Mickiewicz University*, Poznan, Polónia¹ (Tese: "Richard Brautigan: Linguistic, Textual and Metaliterary Strategies to Regain Control over the Text")

OTHER QUALIFICATIONS

2005 **Cambridge DELTA** (Pass/Distinction) International House, Wroclaw, Polónia

2004 **IELTS Certified Examiner** (#997948) & **IELTS Exam** (Grade 9) Nicosia, Chipre

1989 **Cambridge Proficiency Exam in English** (Grade A) South Thames College, London

WORK EXPERIENCE

CHINA

Oct 2007 EAP Tutor at the University of Nottingham Ningbo, China (UNNC)

Oct 2008 – Dec 2008 Lecturer UNNC /IELTS Examiner (The British Council, Shanghai)

ENGLAND

June 2008– Sep 2009, EAP Tutor at Oxford Brookes University

June – Sep 2007 EAP Tutor at the University of Nottingham

1995-1997 ESL Teacher at Oron International Studies, metropolitan School of English and Euroway School of English (London)

1996-1997 Interpreter for Wandsworth Interpreting Services (London)

LIBYA

May 2006 – September 2006 English Language Instructor – International House Newcastle and Northumbria University. Libyan Ministry of Tourism (Tripoli)

BRAZIL

2006-2007 EFL Teacher at *Cultura Inglesa*, a British Council-affiliated 1998-1999; 2001-2003 EFL Teacher at Greenwich Schools. (Belo Horizonte, MG)



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



2003-2004 Translator (English and Portuguese) - Custom Solutions (Nova Lima, MG) –
1996 EFL Teacher at *Escola de Línguas Euroway* (Fortaleza, CE)
1994 Regional Manager of the Polish-Brazilian Economy Enquiry Centre (Belo Horizonte, MG)
CYPRUS
June 2004 – June 2005 IELTS Examiner with the British Council (Nicosia)
Sep 2004 – June 2005 EAP Tutor and Listening Coordinator at the English Preparatory School of the European University of Lefke
Feb-Aug 2004 EAP Tutor at *EUL*. POLAND
2000 Technical translator and ESL teacher - *Kwartet Translation Agency* (Poznan)
1993-1994 EFL Teachers at *Higher School of Banking and Management* (Poznan)
USA **2000-2004** Translator and interpreter for Driving Essentials (Kenneth Square, PA)
1995 Interpreter US Federal Government - Polish Language Services (Arlington, VA)
INDONESIA **1998** EFL Teacher English First LANGUAGE (Bogor)
18. JOHN MACKENNY, DIVISION OF ENGLISH STUDIES
UNIVERSIDADE DE NOTTINGHAM NINGBO, CHINA/REINO UNIDO
JOHN ANTHONY MCKENNY, Nascido 25-04-1953 em Irlanda do Norte, Reino Unido john.mckenny@nottingham.edu.cn
- Licenciatura Filosofia Universidade de Trinity College, Dublin. Moderatorship Honours)
- Pós-graduação em Educação da Universidade de Cambridge
- Mestrado em Filosofia da Universidade de Dublin.
- Royal Society of Arts Diploma em TEFLA ensino de inglês a adultos (DELTA)
- Mestrado em Ensino de Inglês para Fins Específicos Universidade de Aston Birmingham
Equivalência de faculdade de letras Universidade de Porto - Doutoramento.
Currículo profissional (resumido):
1972 – 1976 University of Dublin, Trinity College, Dublin, Eire. B.A. (Moderatorship) Hons Mental and Moral Science
Honors Degree in Philosophy
1977 – 1978 University of Cambridge Hughes Hall College Cambridge, U.K. Postgraduate Certificate of Education in Religious Studies
1986 – 1987 Aston University Birmingham, U.K. Master of Science
Ensino de Inglês para Fins Específicos: curso de 12 meses de ensino com dissertação
1997 – 2004 School of English, University of Leeds, Doutoramento em linguística de corpus e fraseologia.
Experiencia profissional:
1978 – 1979 - Frontistirion Devletoglou -Thessaloniki, Greece - EFL Teacher
1979 – 1984 The English Centre Madrid, Spain EFL Teacher
Jan 1985 – Jun 1985 The British Council Lisbon, Portugal EFL Teacher

Jun 1985 – Jun 1986 Sultan of Oman's Airforce Muscat, Oman English Language Instructor, Preparando Cadetes da marinha para estudos no UK
Sep 1986 – Sep 1987 The British Council Birmingham, U.K. ELTS Examiner Examinador em ELTS (atualmente IELTS) nas West Midlands
1987 – 89 KV vid Lundsuniversitet Malmo, Sweden Formador de professores
Jan 1990 – Aug 1990 Bell Residential College Saffron Walden UK Residential EFL Tutor
Set 1990 – Set 1991 International House, Viseu, Portugal Diretor de Estudos
Out 1991 – março 1999 Escola Superior de Educação Viseu, Portugal Professor adjunto, Ensino de Inglês e formação de professores
1991 – 1995 Catholic University Viseu, Portugal Professor em part time de Inglês para Estudos Empresariaes
abril 1999 – out 1999 Central European University, Budapeste, Hungary
Dirigindo mestrados nas suas dissertações
Out 1999 – Ago 2002 Escola Superior de Tecnologia Viseu, Portugal
Professor adjunto Inglês para turismo
Set 2002- 2007 English Language Centre, Northumbria University Professor adjunto em EAP e Linguística Aplicada
Set 2007 –Set 2008 University of Nottingham Ningbo, China,
Set 2008 – Set 2011 Universidade de Nottingham Ningbo, China Professor adjunto de linguística e língua inglesa

Publicações

- 1998 *Cal* tradução para português do romance em inglês de Bernard MacLaverty.
- -1998 Dicionário online sobre anglicismos URL: www.ipv.pt/anglicismos.
- -1998 "Confessions of a wondering scholar" *Millenium* Jul. 1998 Nº. 1 URL: <http://www.ipv.pt/millenium/mckenny11.htm>
- -2001 "A case study of a translation of King Solomon's Mines by Eça de Queiroz" in Proceedings of the Symposium on Translation Studies 1999 Viseu
 - -To be published March 2011 *Englishes of the British Isles* Volume 1 of 12-volume series on *World Englishes* co-edited with T. Hopkins. London: Continuum International.
 - Membership of Associations
 - Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos APEAA
 - Membro fundador da Associação de Amizade Portugal-Irlanda

TEMA 3.1. Divergências na percepção da estadia dos Portugueses na cidade de Ningbo no século 16 baseadas no livro "Peregrinações" de Fernão Mendes Pinto e em fontes chinesas contemporâneas

Este estudo foi concebido por dois colegas da Universidade de Nottingham Ningbo China e é fruto de uma série de sincronicidades.

Vindo de países diferentes (Irlanda, Polónia/Brasil), o único ponto que temos em comum é a nossa lusofonia.

Trabalhamos junto em Ningbo há mais de três anos e durante esse tempo passamos muitas vezes por uma pequena igreja na beira do mar.

A arquitetura dela remete a Igreja da Nossa Senhora da Batalha em Portugal.



Os clérigos e o bispo nos contaram que a igreja foi fundada por padres franceses. De fato, existe uma placa (em forma de pedra parecendo uma lápide) com nomes desses padres implantada do lado esquerdo do altar. Hoje em dia a igreja chame-se Igreja do Sagrado Coração, nome que coincide com as datas dos supostos padres franceses, e as visões de Margaret Mary Alacoq na segunda metade de século 19.

Tudo mudou quando começamos a ler a obra-prima da literatura portuguesa e universal *Peregrinação*.

Desde já, pedimos desculpas por nossa utilização desse grande livro como um mero repositório de fatos históricos, geográficos e sociológicos. No entanto, reparamos que muitos dos capítulos do livro referiram-se às ruas e becos do distrito da nossa igreja.

Houve capítulos descrevendo o comércio e o dia-a-dia da nossa cidade adotiva há cinco séculos. Poderia a nossa igreja ser a Igreja da Nossa Senhora da Imaculada Conceição descrita com tantos detalhes nos capítulos iniciais de Mendes Pinto? Seria por acaso a razão da discrepância o abandono da igreja (ou, melhor dizendo, da China) por Portugueses nos tempos de *Peregrinação* e uma restauração feita três séculos depois por padres franceses?

Decidimos investigar seguindo as pistas deixadas na grande obra de Mendes Pinto: os eventos e tormentos, as ilhas e montanhas, os muitos personagens mencionados.

Alguns fictícios e outros verdadeiros, ocidentais e orientais. Nossa fonte de triangulação serão historiadores chineses que podem fornecer informação sobre qualquer escrito, relato, ou alusão referindo-se aos Portugueses, sejam eles em Ningbo ou nos arquivos da capital da província, Hangzhou, ou até mesmo na ilustre biblioteca dos Jesuítas em Xangai, XujiaHui.

Através do persistente questionamento das fontes disponíveis, esperamos chegar ao congresso com uma coerente história da “nossa” cidade e do bairro Lao Waitan (“praia dos estrangeiros”) onde encontra-se a igreja e onde transcorreram muitos dos eventos do grande livro.

Pretendemos também apresentar, com todo respeito, uma razoável avaliação do nível de correspondência entre as seções de *Peregrinação* que tratam de Ningbo (Liampó ou Ningbó em português) e o que pode ser averiguado com a ajuda de historiadores e informadores contemporâneos da região.

JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, ASSESSOR TÉCNICO OFICIOSO DOS COLÓQUIOS

JOÃO CHRYSTELLO (N. 1996). Frequenta o 9º ano da Escola Básica Integrada da Maia em São Miguel, Açores. Apesar de muito jovem, o João, desde 2008, tem-se mostrado um excelente assistente técnico, responsável – entre outras atividades – pela gravação e verificação das Atas/Anais em CD/DVD.

Em Bragança (2009 e em 2010) e no Brasil 2010, desempenhou as funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios.

É supranumerário da comitiva oficial a Macau em virtude de não ter a idade legal para fazer parte da comitiva.

Foi o responsável pela gravação e verificação das Atas/Anais em DVD

19. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E FLUL LISBOA, PORTUGAL / PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade.

Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987.

Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

É professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia.

Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia.

Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.

Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. João Malaca Casteleiro é um convicto defensor da adoção das regras prescritas pelo Acordo ortográfico de 1990.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais:

Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos,

Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.

Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

Recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia e dos Encontros Açorianos da Lusofonia desde 2007 e um dos mais dinâmicos promotores do novo acordo ortográfico em cuja conceção participou.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É presidente da assembleia-geral DA AICL.

TEMA 3.4. - 26 ANOS DE LABUTA PELO ENSINO DO PORTUGUÊS EM MACAU E NA CHINA

20. LEONG CHEOK I, Instituto Politécnico de Macau, China.

Leong Cheok I, Naturalidade: Macau, Email: cheok.i.leong@gmail.com

Graus académicos:

1995 – Licenciatura em Estudos Portugueses, variante de Ensino do Português como Língua Estrangeira, pelo Instituto de Estudos Portugueses, Universidade de Macau.

2000 – Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas, variante de Estudos Linguísticos, pelo Instituto de Estudos Portugueses, Universidade de Macau.

2006 – Doutoramento em Linguística pelo Departamento de Português, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Macau.

Experiência profissional:

1991 / 2000 (março) – Professora de Português do CDL – Centro de Difusão de Línguas, Direção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau.

1995 / a 1996 – Autora e apresentadora de dois cursos de Cantonês na TVEM – Televisão Educativa de Macau: Cantonês (Iniciação), em 1995 e Cantonês (Nível II), em 1996, projeto do Instituto Politécnico de Macau.

1997 / a 1998 – Professora de Português a tempo parcial do Instituto de Estudos Portugueses, Universidade de Macau.

1998 / 1999 – Leitora a tempo inteiro do Instituto de Estudos Portugueses, Universidade de Macau, (em regime de requisição à D.S.E.J.).

1999 (Set) 2000 (Mar) - Professora de Português do Instituto de Estudos Portugueses, Universidade de Macau, (em regime de licença sem vencimento de curta duração).

2000 – Professora de Português a tempo parcial na Escola Superior de Administração Pública, Instituto Politécnico de Macau, (em regime de acumulação de funções).

2000 (março) a (agosto) – Assistente Estagiária do Instituto de Estudos Portugueses, Universidade de Macau.

2000 a 2006 – Assistente do Instituto de Estudos Portugueses (o atual Departamento de Português da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), Universidade de Macau.

2006 a 2009 – Professora auxiliar do Departamento de Português da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Macau.

2009 à atualidade – Professora Adjunta do Centro de Estudos das Culturas Sino-Occidentais do Instituto Politécnico de Macau.

Publicações:

1997. Cantonense – *Nível I: Iniciação*. Macau: Televisão Educativa de Macau, Instituto Politécnico de Macau. Coordenação de José Rocha Dinis. (Autora e apresentadora de 100 lições editadas em cassetes-vídeo e 1 livro de 224 páginas).

1997. “*Retroação sobre o Ensino do Cantonês para Portugueses na Televisão Educativa de Macau.*” in *Português como Língua Estrangeira, Seminário Internacional (Atas)*, p. 173-178. Macau: Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Direção dos Serviços de Educação e Juventude de Macau, Fundação Macau.

2001. Cantonense – *Nível II*. Macau: Televisão Educativa de Macau, Instituto Politécnico de Macau. Coordenação de José Rocha Dinis. (Autora e apresentadora de 100 lições editadas em cassetes-vídeo e 1 livro de 392 páginas). ISBN: 99937-33-08-3.

TEMA 2.3. O ENSINO DE GRAMÁTICA E O DICIONÁRIO DE VERBOS CHINÊS – PORTUGUÊS.

No contexto de Macau, o processo de ensino / aprendizagem de português como língua estrangeira é sempre um grande desafio colocado tanto aos professores que ensinam, como aos alunos que aprendem.

Sendo uma docente dedicada a esta missão durante quase vinte anos, e que já foi também aluna da língua de Camões, gostaria de partilhar com os participantes deste encontro reflexões insignificantes sobre o ensino de português aos alunos chineses, realizado num contexto de ensino superior.

Estas reflexões vão ser feitas à volta da área de ensino de gramática num curso de licenciatura, destinado à formação dos alunos especializados em Português como língua estrangeira.

Por outro lado, também vou aproveitar esta ocasião para mencionar um instrumento, que está no processo de elaboração, e que é importante para o processo de ensino / aprendizagem que está em análise.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Nas referidas reflexões sobre o ensino da gramática vão ser analisados vários aspetos, nomeadamente a relação entre o ensino da gramática e a meta final da aprendizagem, a relação entre o ensino da gramática com o ensino de outras disciplinas, os requisitos para uma aprendizagem com sucesso nomeadamente a importância da introdução de conteúdos certos nos momentos propícios e as condições situadas no campo psicológico.

No fim vai ser explicado como surgiu a ideia da elaboração do Dicionário de Verbos Chinês-Português, inclusivamente a utilização que se pode fazer deste novo instrumento para o ensino / aprendizagem de português pelos alunos chineses.

21. **LUCIANO PEREIRA, Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação, Setúbal, Portugal**

LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA,
luciano.pereira@ese.ips.pt

- Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês)
- Mestre em Literaturas Medievais Comparadas
- Doutor em Línguas e Literaturas Românicas
- Provas Públicas para Professor Coordenador

1. **Comunicações e artigos:**

- *L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues*
- *As cores da língua portuguesa como expressão de cultura*
- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléo e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*

2. **Ensaios:**

- *O universo do imaginário*
- *Os bestiários franceses do Século XII*
- *O bestiário e os contos tradicionais portugueses*
- *A fábula em Portugal*

3. **Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):**

- *A cidade*
- *O mundo das línguas*

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É vice-presidente do conselho fiscal DA AICL.

TEMA 3.6. O CONTRIBUTO AFRICANO PARA O FABULÁRIO DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Em África, a fábula europeia confrontou-se com um substrato local de tradição oral pujante e vigoroso.

A sua transmissão fez-se em línguas indígenas e em crioulos.

As suas origens são tão variadas quanto os seus povos e suas mitologias.

São famosas as histórias de pequenos animais arditos: a lebre, o sapo, a aranha ou a tartaruga, dependendo da sua região de origem.

“Sã Taltaluga e sualei” são algumas das personagens mais familiares de São Tomé e Príncipe.

A lebre é seguramente o animal mais arditoso da costa atlântica do continente africano. Inúmeras são as histórias de astúcia e matreirice desta verdadeira “raposa” africana.

O fabulário africano encontrou no Brasil, e em particular na Bahia, um espaço de eleição que lhe permitiu desempenhar uma das suas funções nucleares: a da resistência e a da denúncia social, reforçando a sua dimensão política e revolucionária.

Tal como a capoeira, a fábula tornou-se a expressão artística da luta do povo negro, oprimido e escravizado. Em Portugal a sua receção foi mais modesta.

As nossas lendas encerram, é certo, uma viva memória de um povo mouro encantado mas o repertório dos nossos contos tradicionais, tão imbuídos de orientalismos, permaneceu quase indiferente à sabedoria da fábula africana.

É sobretudo no século XX que antropólogos e etnólogos a divulgam em recolhas mais ou menos eruditas e que autores como Alberty e António Torrado a souberam integrar no tesouro da nossa literatura para a infância.

22. LUÍS GAIVÃO, MESTRE EM LUSOFONIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS – UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS LISBOA, PORTUGAL

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO

Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais.

Dissertação: *CPLP: a Cultura como Principal Fator de Coesão*. ULHT, Lisboa 02 de julho de 2010.

Formador da Bolsa de Formadores do ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural).

Adido Cultural nas Embaixadas de Luxemburgo, Bruxelas e Luanda. Abriu o Centro Cultural Português de Luanda (1996) de que foi Diretor até 2001, ano em que foi transferido para o Luxemburgo, onde também foi Diretor do Centro Cultural Português, até 2006.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Produziu centenas de eventos culturais em todas as áreas da cultura: belas-artes, música portuguesa clássica e ligeira, literatura portuguesa, história, filosofia, poesia, pedagogia, gastronomia, didática, e ações nas áreas das bibliotecas, do teatro, da dança, da moda, do folclore, etc.

Colaborou com entidades culturais internacionais: Luxemburgo, França, Espanha, Bélgica, Catalunha, Hungria, Brasil, Cabo Verde, Angola, RD Congo, Alemanha Federal, Cuba, Madagáscar, Reino Unido, etc.

Participou em congressos em representação de Portugal e em nome pessoal, nas áreas da cultura, da educação e da língua portuguesa.

Foi em 1995, cooperante na área da Educação de Adultos, em Cabo Verde.

Professor de origem, foi Assessor do Secretário de Estado da Reforma Educativa, em 1990-91 (Pedro d'Orey da Cunha, sendo Ministro Roberto Carneiro), e Presidente do Conselho Diretivo. Tem várias obras publicadas, nos campos literário e científico, e é autor de textos de especialidade cultural e da língua portuguesa.

TEMA 3.5. CULTURAS LUSÓFONAS E INTERCULTURALIDADE.

A expansão portuguesa iniciou no século XV uma globalização pelo encontro de culturas, de trocas comerciais e por diversas formas de exercício do poder político e religioso, numa colonização temperada pela interculturalidade mais do que por formas de colonialismo puro e duro, na exploração do Outro.

As características culturais dos portugueses, atravessadas por diferentes influências de muitos povos e culturas que passaram pelo seu território esbateram a dureza das doutrinações e passaram além do racionalismo, construindo especiais formas de convivência, com defeitos e qualidades próprias, mas distintas de outros colonialismos mais assertivos e duros.

Trata-se de refletir sobre os aspetos interculturais que foram específicos do colonialismo português, das características diferenciadas reveladas pelos povos dos novos estados de língua portuguesa, que se seguiram, e de verificar, apesar de tudo, os sinais evidentes da colonialidade que ainda vigoram nalgumas dessas sociedades.

Uma reflexão sobre o pensamento abissal imposto pelo eurocentrismo que originou a reação do pensamento pós-abissal, bem como a necessidade de uma prática da ecologia dos saberes e da tradução intercultural, tendo em conta, por exemplo, o pensamento ontológico africano ou outras formas de pensar, levamos à conclusão de que a lusofonia e a CPLP são bons exemplos do caminho para a humanização das práticas políticas e culturais.

Ou seja, é na interculturalidade que se reencontram, no caso da história da colonização portuguesa, os processos para que a humanidade prossiga, apesar dos erros, um caminho de maior esperança.

É sócio fundador DA AICL.

23. LURDES ESCALEIRA INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU, R. P. DA CHINA

Maria de Lurdes Nogueira Escalera, natural do Porto, doutoranda em Estudos Asiáticos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é detentora dos graus de mestre em Administração Pública pela Universidade de Macau, pós-graduação

em Ciências da Educação, Universidade Aberta, licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Letras do Porto e Educadora de Infância pela Escola Paula Frassinetti.

Em Portugal, de 80 a 87, exerceu a docência como educadora de infância destacando a experiência no Ensino Especial.

No verão de 87 iniciou a viagem rumo ao Oriente e, desde então, tem desenvolvido a sua atividade profissional em Macau como docente de Língua Portuguesa e de Administração Pública: Escola Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung, Centro de Difusão de Línguas, Instituto Português do Oriente e, nos últimos 15 anos, no Instituto Politécnico de Macau.

Da sua atividade destaca o papel como membro do grupo experimental para o estudo da iniciação à aprendizagem da Língua Portuguesa nos jardim-de-infância luso-chineses, como responsável pela organização e acompanhamento dos Cursos de Língua Portuguesa para Funcionários Públicos e no Ensino da Língua Portuguesa para adultos e alunos universitários.

No Instituto Politécnico de Macau passou pela Escola de Línguas e Tradução e, atualmente, integra o corpo docente da Escola Superior de Administração Pública. Ao longo dos últimos anos tem vindo a apresentar comunicações e a publicar artigos em revistas científicas e atas de colóquios versando as temáticas do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, da Tradução em Macau e do Ensino Superior em Macau. Em 2009, esteve presente, pela primeira vez, nos Colóquios da Lusofonia e, desde então, tem vindo a participar neste evento estando, de momento, envolvida na preparação do I Colóquio da Lusofonia em Macau. Recentemente, tem vindo a estudar os autores de Macau, que escreveram em Língua Portuguesa, tendo apresentado em finais de 2010 um trabalho sobre o escritor Henrique de Senna Fernandes.

É COORDENADORA DO XV COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM MACAU

TEMA 1.1 Antologia Breve de Autores Macaenses

Tendo como pano de fundo a missão dos Colóquios da Lusofonia, pretendemos apresentar, perante uma plateia de académicos das mais variadas partes do mundo lusófono, os escritores de Macau e que se expressam em Língua Portuguesa. O nosso principal objetivo consiste em transmitir elementos sobre a vida e obra dos autores de Macau de forma a sensibilizar para o seu estudo e divulgação.

Sem dúvida que o recente desaparecimento do escritor Henrique de Senna Fernandes despoletou a discussão acerca do que tem sido escrito em Macau, sobre Macau e por gente de Macau.

Algumas iniciativas têm vindo a ter lugar, no entanto, consideramos que é necessário fazer um estudo sério e profundo para que estes autores não caiam no esquecimento e a sua obra contribua para o enriquecimento da literatura de expressão portuguesa e dê novo alento aos que lutam pela sobrevivência da "cultura macaense".

Assim, iremos, de forma sumária, fazer uma viagem pela vida e obra de vários autores que nos deixaram a sua vivência e descreveram Macau, nos seus mais variados aspetos, permitindo-nos reconstituir a história e descobrir o "sentir" de Macau e das suas gentes.



Trata-se de uma abordagem descritiva que parte da concepção de que não existem escritores macaenses mas sim escritores portugueses que nasceram, viveram e “escreveram sobre a sua terra”.

Muitos outros escritores, de grande valor, escreveram sobre Macau e devem ser estudados, no entanto, como o tempo limita sempre as nossas opções, nesta fase do estudo, damos primazia aos autores “macaenses”.

Entendemos o termo “macaense” no seu sentido mais restrito, isto é, os “filhos da terra”, os descendentes do cruzamento entre portugueses e chineses, portadores de uma cultura e de uma forma de estar que os evidencia como grupo e que lhes confere uma identidade particular e muito própria.

24. **M^a CÉLIA LIMA-HERNANDES** Universidade de São Paulo Brasil

Maria Célia Lima-Hernandes, professora livre-docente e pesquisadora da Universidade de São Paulo, pós-doutoranda da Universidade de Macau. Estuda os processos de mudança das línguas, em especial o processo de gramaticalização, numa abordagem funcionalista e perspectiva sociocognitiva. Orienta 5 doutorandos, 2 mestrados, 6 alunos de iniciação científica e 2 de pré-iniciação científica. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq/USP Mudança Gramatical do Português. Idealizadora do Simpósio Mundial dos Estudos de Língua Portuguesa, realizando o primeiro em 2007 (Brasil), o segundo em 2008 (Évora – Portugal) e o terceiro proximamente em agosto/2011 (Macau).

TEMA 3.5 GRAMATICALIZAÇÃO E PROCESSAMENTO COGNITIVO: ESTRUTURAS X-QUE NO PORTUGUÊS DO BRASIL.

Este trabalho tem por objetivo discutir o processo de identificação das rotas de gramaticalização no português do Brasil à luz de uma subjacente categorização cognitiva de estruturas X-que. Em especial, detém-se no estudo da rota de surgimento das locuções conjuntivas adverbiais, a qual tem sido explanada em termos de mudança gramatical sem, contudo, explanar o mecanismo que deflagra esse processo. Apresento evidências de que há mecanismos sociocognitivos (metonímia e metáfora) pressionados por aspetos pragmáticos da comunicação; assim, na decisão do falante sobre o que pretendeu codificar sintaticamente, é mobilizada a memória de longo termo, que traz a estruturação *advérbio + que* como sinónimo de conjunção subordinativa. Mostro que, na verdade, o que se tem é *advérbio + pronome relativo*, como alvo de reanálise.

25. **M^a DO CARMO MENDES, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL AUSENTE REPRESENTADA POR ANABELA BARROS** MCPINHEIRO@ILCH.UMINHO.PT

MARIA DO CARMO PINHEIRO E SILVA CARDOSO MENDES, é professora auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, onde se doutorou em 2006 com a tese intitulada “Don Juan na literatura portuguesa: receção de um mito literário”.

As suas áreas de investigação privilegiadas são a Literatura Comparada, a Teoria da Literatura, a Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e as Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.

Tem participado em reuniões científicas em vários países da Europa, com apresentação de comunicações sobre Literatura e outras artes (pintura e cinema), ficção fantástica, ficção policial e narrativa breve contemporânea.

Nas suas publicações inscrevem-se cerca de 20 artigos resultantes da investigação científica nas áreas acima referidas, com especial incidência nos escritores Eça de Queirós, Agustina Bessa Luís, Padre António Vieira, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro, Ana Teresa Pereira, Ramón del Valle Inclán, Júlio Cortázar e Álvaro Cunheiro.

É Diretora da Licenciatura em Estudos Culturais da Universidade do Minho.

Leciona em cursos de graduação e de pós-graduação as disciplinas de Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, Literatura Comparada, Temas Avançados em Estudos Literários, Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa e Culturas Europeias (Cultura Grega e Romana).

É orientadora de teses de Mestrado nas áreas de Literatura Comparada, Poéticas Interartes e Teoria da Literatura.

É sócia fundadora da AICL.

TEMA 2.9 - AS PAIXÕES ORIENTAIS: CAMILO PESSANHA E MACAU

Considerado como o mais alto expoente do Simbolismo português, Camilo Pessanha viveu em Macau o mais longo período da sua vida.

Poder-se-ia pensar que a estadia prolongada, de 1894 a 1926, se traduziu numa experiência dolorosa do exílio.

Tal não se verificou, todavia, pois Macau representa, na vida e na obra de Camilo Pessanha, o prazer de múltiplas paixões:

- A paixão afetiva, traduzida em envoltimentos com mulheres orientais e nas convívências com escritores que aí conhece (com destaque para Venceslau de Moraes);
- A paixão profissional, expressa no exercício publicamente reconhecido das funções de professor, advogado e Conservador do Registo Predial;
- A paixão cultural, revelada em traduções de elegias chinesas e na realização de estudos sobre a língua e a cultura desse país, cujos resultados se encontram reunidos no volume póstumo *China. Estudos e Traduções* (1944);
- A paixão literária, manifestada na intensificação, na sua única coletânea poética, *Clepsidra* (1920), de algumas tendências estilísticas de cariz simbolista: a procura da musicalidade; a desarticulação lógico-sintática; o gosto pelo grafismo; e o elemento visual.

A comunicação pretende demonstrar, numa reconstituição da vida e da obra de Camilo Pessanha, que em Macau, não obstante a “irremissível tristeza de todos os exílios” e a penosa existência de um homem marcado por um sentimento pessoal que em muito ultrapassou a consciência generalizada de crise, o poeta e estudioso da cultura oriental viveu uma experiência humana e literariamente capital, porque aí, como o próprio confessaria ao pai, “A vida é cheia de impressões novas cada dia, ou eu me finjo que o é, num delírio artificial de grandezas, que me serviu de coragem para partir, e ainda me vai servindo para não esmorecer de todo”.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



26. M^a HELENA ANÇÁ, CIDTFF, UNIVERSIDADE AVEIRO, PORTUGAL

MARIA HELENA ANÇÁ, (mariahelena@ua.pt) é Professora Associada, com agregação, Departamento de Educação, Universidade de Aveiro (Portugal).

1. Licenciatura em Linguística (Filologia Românica), Faculdade de Letras de Lisboa (1976). Diplôme d'Etudes Approfondies (Linguistique et Didactique des Langues Vivantes), Université des Langues et Lettres de Grenoble III/França (1981).

Doutoramento em Didática do Português, Universidade de Aveiro (1991).

Agregação em Educação, Universidade de Aveiro (2009).

2. Coordenadora do Laboratório de Investigação em Educação em Português/LEIP, no âmbito do CIDTFF, com C. Sá e L. A. Pereira. Responsável pela Linha 2: PLNM.

3. Investigação desenvolvida (essencialmente em Português Língua Não Materna/PLNM):

i) Orientação científica - 3 teses de doutoramento defendidas, 1 concluída, 2 em conclusão, 1 em curso; 24 dissertações de Mestrado defendidas.

ii) participação em projetos de investigação nacionais e internacionais, como membro ou coordenadora, dos quais se destacam:

– "A Língua Portuguesa e o seu Ensino em Cabo Verde (1994- 96) e Angola (1997/98), financiamentos pontuais (FCG, Grices, CIDTFF/FCT) Investigadora responsável/coordenadora.

– "Aproximações à Língua Portuguesa: atitudes e discursos de não nativos residentes em Portugal" (POCI/CED/56110/2004), 2005-07. Investigadora responsável/coordenadora.

iii) comunicações e publicações nacionais e internacionais várias.

É sócia fundadora DA AICL.

TEMA 3.4. "EM TORNO DA LÍNGUA PORTUGUESA: SABERES E CRENÇAS DE AFRICANOS NÃO ESPECIALISTAS"

Portugal, ao longo destas últimas décadas, na sequência de acontecimentos nacionais e internacionais, tornou-se um país de imigração, mantendo, porém, a sua vocação de emigração.

Segundo o último Relatório do SEF, o total da população estrangeira legalizada corresponde a 451 191 cidadãos, em Portugal, com um crescimento, em 2009, de 3,16%. Os cabo-verdianos e os angolanos ocupam respetivamente os 2º e 3º lugares em termos de comunidades lusófonas mais representativas (SEF, 2010).

No contexto de partilha da Língua Portuguesa (LP), estes africanos têm desta língua conhecimentos próprios, advindos de muitos lugares e tempos, de reflexões pessoais desenvolvidas entre pares, ou em interações com nativos.

Numa perspetiva educativa, defendemos a importância de aceder e rentabilizar esses conhecimentos, ou 'saberes vulgares' (Jodelet, 1989; Beacco, 2001, 2004), normalmente afastados dos contextos formais, onde unicamente têm lugar os saberes eruditos.

Pela presença de cabo-verdianos e angolanos na sociedade e na escola, e tendo como referência os saberes de 'real people' (Niedzielski & Preston, 2003: vii), um pouco na linha da *Folk Linguistics* (Niedzielski & Preston, 2003; Preston, 2004; Paveau, 2008), interrogamo-nos:

- Que perceções têm sobre a LP e sobre a sua aprendizagem?
- Como constroem crenças sobre esta língua?
- Que diálogos estabelecem entre a LP e a língua materna/língua nacional/ outras línguas?

Neste cenário, e com base em entrevistas semidiretivas, analisámos os discursos de quatro cabo-verdianos e de quatro angolanos, adultos, residentes em Lisboa e Aveiro.

Os saberes vulgares, que sujeitos não especialistas possuem sobre a LP e sobre a sua aprendizagem, têm uma relevância social e educativa evidente e constituem, por conseguinte, conhecimentos fundamentais quer para o professor de Português, em particular, quer para a área do Português Língua Segunda, em geral.

27. M^a HELENA ANACLETO-MATIAS INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO hanacleto@iscap.ipp.pt; mhelenamatias@hotmail.com

HELENA ANACLETO-MATIAS Licenciada (1988) e Mestre (1997) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Helena Anacleto-Matias completou duas pós-graduações: como intérprete de conferências (Universidade de Genebra, 1989), enquanto bolsista do Parlamento Europeu, e outra em Estudos Norte-Americanos (Smith College – EUA, 1990), com uma bolsa Fulbright. Publicou artigos em Portugal, Chipre e Países Baixos nas áreas da Linguística, Estudos Interculturais, Literatura, Tradução e Interpretação. Como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela (2003), Bruxelas (2006), Chipre (2007), Valência (2008) e Brasil (2010). Esteve igualmente em mobilidade Erasmus na Universidade Nicolau Copérnico, em Toruń – Polónia (2009).

O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP – Viseu, 2001). Tendo ensinado Português como Língua Estrangeira no Porto (1992/93) e na Bélgica (2006/2007), é a décima vez que participa com comunicações nos Congressos ligados à Lusofonia (desde novembro/2003 em Bragança, até abril/2010 em Florianópolis, Santa Catarina – Brasil).

Depois de ter publicado o seu primeiro livro "Emma Lazarus – Vida e Obra" em 2008, é presentemente bolsista do PROTEC/2009 ligada ao CETAPS (Centre for English Translation and Anglo-Portuguese Studies) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se encontra a frequentar o 3º ano do curso de doutoramento em Estudos Anglo-Americanos – vertente Tradução.

Desde 1993 que é docente na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

Tema 3.6. - Fernão, Mentos? – Sinto! Ecos d' "A Peregrinação" na Viagem como Aprendizagem em Richard Zimler.

Os relatos fantásticos d'A Peregrinação" na Ásia formaram uma escola de pensamento filosófico no imaginário europeu e, por extensão, no norte-americano. A partir de um relato de viagem, Fernão Mendes Pinto conseguiu acordar as



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



consciências para novos saberes, novas nomenclaturas, novas mundividências. De que forma é que “A Peregrinação” se pode ver como responsável pelo conceito da errância na diáspora dos dias de hoje? Quais os contornos que a viagem como aprendizagem tomou com o contributo de Fernão Mendes Pinto? De que forma algumas escolas literárias foram influenciadas pelas características d’ “A Peregrinação”? Em particular, qual a influência de Fernão Mendes Pinto na obra “Unholy Ghosts” de Richard Zimler? Através da análise desta obra do autor norte-americano com passaporte português, procurar-se-á trazer um contributo para os conceitos da Viagem como aprendizagem individual e coletiva e de como esse conceito se reflete na obra “Unholy Ghosts”.

É SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

28. MARIA JOSÉ GROSSO, Universidade de Lisboa FLUL Portugal AUSENTE - REPRESENTADA PELO MARIDO, RAUL Leal GAIÃO

MARIA JOSÉ DOS REIS GROSSO é professora no Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde 1987.

Diretora do Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE) e Diretora dos Estudos Pós-graduados (Mestrado e Doutoramento em Língua e Cultura Portuguesa, PLE/PL2) da mesma Faculdade. Investigadora no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

É doutorada em Linguística Aplicada (2000) com a dissertação “O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa”, estudo resultante da sua permanência em Macau como docente na Universidade de Macau e como diretora do Centro de Língua Portuguesa no Instituto Português do Oriente.

As suas áreas de estudo e de lecionação centram-se na Linguística Aplicada ao Ensino de Português (PLE/PL2) e nas áreas referenciais a ela ligadas, nomeadamente Ensino, Aprendizagem, Avaliação (PLE/PL2), Divulgação e Política de Língua, Didática das Línguas e Estudos Interculturais; nas áreas referidas, tem orientado teses de mestrado e de doutoramento, desenvolvido projetos, escrito artigos vários, com diversas publicações e feito formação de professores em Portugal e no estrangeiro.

Tema 1.1. REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM SENNA FERNANDES

Embora a língua portuguesa tenha tido em Macau uma presença na comunicação oral e escrita pouco significativa, o seu papel no território, ao longo dos anos, tem sido objeto de reflexão em várias áreas do conhecimento, áreas que se cruzam e que incidem frequentemente na difusão, no ensino da língua portuguesa, na sua obrigatoriedade ditada pela lei (como é o caso do Despacho nº 33 de 1960); geralmente não se faz referência aos textos em português feitos por escritores desse contexto, neste caso de Macau, de *escritores filhos da terra*, e como esses textos foram também transmissores do conhecimento em língua portuguesa.

Acresce ainda o facto de se desconhecer a representação que estes escritores têm da língua portuguesa.

Dado o exposto, e tomando como ponto de partida os escritos de Senna Fernandes; pretende-se neste texto conhecer o impacto que os textos deste autor tiveram na divulgação da LP e a representação que dela faz não só este escritor mas também outros autores macaenses.

29. MANUEL JOSÉ SILVA, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA , Portugal,

MANUEL JOSÉ SILVA, investigador da Universidade do Minho, doutorou-se na Universidade de Caen (França) com um “Doctorat d’État” intitulado *Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain* (1991).

Tem participado em numerosos Colóquios, nacionais e internacionais, havendo publicado um número considerável de artigos científicos.

Em 2008, publicou o ensaio intitulado *La langue française et l’histoire*, encontrando-se, atualmente, a preparar um ensaio subordinado ao tema *D. Sebastião na literatura portuguesa contemporânea*.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É sócio fundador DA AICL.

TEMA 3.1. - CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS ‘DESVIOS’ DA NORMA LINGUÍSTICA PORTUGUESA

A língua que aprendemos na Escola, a língua materna, tem uma relação muito especial com cada falante e com a comunidade, grande ou pequena, nacional ou continental. Porém, esta relação é mais afetiva do que racional.

Por isso, reage-se às mudanças que são impostas no que a ela diz respeito e esquece-se que a língua, sobretudo como expressão oral, é movimento, variação e herança que se renova e se adapta.

Se o sistema linguístico é por natureza rígido, como se de um molde se tratasse, a sua utilização nas diferentes e diversas situações de comunicação torna-o flexível, o que acarreta, por vezes, ‘desvios’ das normas sistémicas. Evocar sucintamente alguns destes ‘desvios’ mais correntes, aos quais muitos gramáticos chamam erros, constitui o núcleo temático desta comunicação.

30. MÁRIO MOURA, Mestre em Museologia e Património, Câmara Municipal da Ribeira Grande, Açores

MÁRIO MOURA nasceu na Ribeira Grande, Ilha de São Miguel (Açores), em 1957.

Reside nessa Cidade, onde exerce as funções de Chefe de Divisão de Ação Sociocultural da Câmara local. Estudou em França e nos Estados Unidos e lecionou no ensino secundário e universitário.

Licenciou-se em História (Via Científica), no Rhode Island College, EUA, em 1983, tendo obtido equivalência, na Universidade dos Açores, em 1984.

Mestre em Museologia e Património desde 1997, pela Universidade Nova Lisboa. É membro da Phi Alpha Theta, Associação de Historiadores norte-americanos e países anglófonos, do I.C.O.M., da A.P.O.M. e da APA: Associação Profissional de Arqueologia.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Ganhou o Lullac Award (prémio para alunos norte-americanos), uma bolsa de estudos na Brown University, EUA, em 1983, uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian - 1995 (programa de estudo em Espanha e Mértola) e recebeu um voto de louvor da Assembleia Municipal da Ribeira Grande pelo estudo, recolha e exposição do espólio cultural do concelho em 1986.

Medalha de Mérito Cultural – Junta de Freguesia de Matriz Ribeira Grande -, setembro de 2008

É Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia (Encontros Açorianos)

Outros livros publicados pelo autor:

Arcano da Ribeira Grande, (1999).

Memórias do presépio da Ribeira Grande, (1996).

Memórias dos Moinhos da Ribeira Grande: um percurso terrestre à terra dos moinhos de água, (1997).

A “Mã” da água, a “santinha” e a água que dorme: acessos à mentalidade dos moleiros da Ribeira Grande, (1999).

Casos Falantes: azulejos de corda seca e de aresta das terras do ex-mosteiro de Jesus da Ribeira Grande, (1998).

Andanças dos Irmãos Botelho (2006)

Nascimento de uma Paróquia (2009)

A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” ed. Publiçor, Ponta Delgada, Açores (2010)

TEMA 3.5 HISTÓRIA DE DOIS AÇORIANOS NO MUNDO

O esboço biográfico do Dr. José Nunes da Ponte e de Manuel Raposo Marques, dois naturais da Conceição da Ribeira Grande, o primeiro de finais da primeira metade do século XIX, o segundo de finais da segunda metade do século XIX, ambos estudaram em Coimbra, o primeiro, seguiu medicina, o segundo música, o primeiro chegou a primeiro presidente açoriano do Senado em 1917, foi presidente da Câmara Municipal do Porto, Governador Civil e Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, o segundo foi maestro do Orfeão Académico de Coimbra durante mais de quatro décadas.

O primeiro era republicano, e como republicano mais velho da Câmara do Porto foi quem proclamou a República no Porto.

Por ter tido uma viagem traumática, segundo corre na família, nunca mais regressou em pessoa aos Açores, mas escolheu uma casa na Foz do Douro, em ambiente que não podia ser mais parecido à da sua Ribeira Grande. Apesar de ter casado no sei de uma família nobre, da nobreza bem antiga, apesar de estar enterrado junto ao mausoléu dos sogros, onde havia brasão dos Soares de Albergaria, em Midões, fez construir um para si e para a sua família chegada, mulher e filhos cujo brasão é o mérito e não o sangue, diz assim: Mausoléu de José Nunes da Ponte. Impressiona-me o que fez este filho de merceeiro e neto de barbeiro da Conceição da Ribeira Grande.

Foi trabalho encomendado pelo Dr. Ricardo Silva.

Raposo Marques foi um homem que regressou muitas vezes à sua terra, apesar de ser homem das 4 partidas do mundo, vinha à terra reclamar os aplausos.

31. ORLANDO BELO, “Departamento de Informática, Escola de Engenharia, Universidade do Minho E ANABELA LEAL BARROS Departamento de Estudos Portugueses, Instituto de Línguas e Ciências Humanas, Universidade do Minho

Orlando Belo (www.di.uminho.pt/~omb) é atualmente Professor Associado no Departamento de Informática da Escola de Engenharia da Universidade do Minho. As suas principais atividades de ensino desenvolvem-se em disciplinas relacionadas com Bases de Dados, “Data Warehousing”, Processamento Analítico e Engenharia de Software.

Relativamente às suas atividades de investigação, estas assentam, primordialmente, nos domínios científicos das Bases de Dados, “Data Warehousing”, Processamento Analítico e Mineração de Dados.

É diretor do curso de Mestrado e Especialização em Sistemas de Dados e Processamento Analítico, e responsável pela Unidade Curricular de Especialização em Sistemas de Suporte à Decisão, no Mestrado de Informática, da Universidade do Minho.

Licenciou-se em Engenharia de Sistemas e Informática pela Universidade do Minho, em 1991 realizou Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica no domínio científico dos Sistemas Periciais pela Universidade do Minho e doutorou-se em 1998, também pela Universidade do Minho, em Informática - área científica de Inteligência Artificial Distribuída e Sistemas Multiagente.

Publicou durante os últimos anos diversos artigos, com seleção, em conferências, na sua maioria em eventos internacionais, relacionadas com as suas principais áreas de investigação, ensino e experiências industriais. É consultor pela Universidade do Minho, através de processos de prestação de serviços especializados à comunidade, desenvolvendo atividades de análise, planeamento e desenvolvimento de soluções informáticas, especialmente orientadas para a otimização de sistemas operacionais e implementação de plataformas para acolhimento de sistemas de suporte à decisão.

Durante os últimos anos esteve envolvido em vários projetos de suporte à decisão com várias empresas, gerindo, projetando ou implementando, por exemplo, sistemas para deteção e controlo de fraude em ambientes de telecomunicações, avaliação da qualidade de dados em ambientes de data warehousing, manutenção de plataformas analíticas para gestão e controlo de processos de recolha seletiva de resíduos, mineração de cabazes de compras, e monitorização de parâmetros de qualidade da água em recursos hidrográficos.

TEMA 2.3 Exploração de Um Sistema de Dados TEI de Corpora Textuais em Crioulos Orientais de Base Portuguesa

A criação e a manutenção de um sistema de dados para arquivo de corpora de textos em crioulos orientais de base portuguesa revela-se hoje de fundamental importância para garantir a conservação das várias manifestações destas línguas, ao longo dos tempos, e, até certo ponto, mesmo a sua sobrevivência e continuidade, assim preservando um importante património linguístico construído à escala mundial em vários séculos de contribuição portuguesa e da língua portuguesa. Tal processo exige a colaboração interdisciplinar de linguistas,



crioulistas e investigadores que dominem o português e as diversas línguas asiáticas envolvidas para a coleção de impressos antigos relativos a épocas em que essas línguas crioulas tinham maior vitalidade, a pesquisa de arquivo, e no terreno, de manuscritos em crioulo e sobre os crioulos, desde o séc. XVI, e a recolha *in loco* de registos orais. À medida que o espólio documental vai sendo recolhido, ir-se-á desenhando e aperfeiçoando a definição para um esquema de acolhimento em formato digital desses *corpora*, exploráveis nas suas diversas vertentes através de mecanismos de exploração de informação adequados. O *corpus* dividir-se-á, numa primeira fase, em dois conjuntos distintos e para fins diversos: por um lado, todo o acervo de documentação sobre cada um desses crioulos, manuscrita e impressa (muitas vezes em edições reduzidíssimas de que se perdeu o rasto, algures num pequeno ponto da Ásia), por outro, o repositório de textos em cada um dos crioulos (incluindo transcrições de discurso oral), devidamente datados e preenchendo o mais possível todo o espaço temporal desde a sua génese. Incluirá, designadamente, conjuntos de textos orais quotidianos, transcrições de canções antigas do folclore local, relatos de contos e de histórias, registos de receitas culinárias, correspondência particular ou oficial, notas de dívidas, as reminiscências linguísticas individualizadas de descendentes de falantes de crioulo ou de português em contacto, já de língua materna estrangeira, etc. Esta tão grande diversidade de documentos e fontes de informação será tipificada e mapeada para um formato de dados único capaz de acolher adequadamente, sem perda de expressividade ou conteúdo, a informação (e meta informação), potenciando a sua exploração segundo as várias dimensões de análise subjacentes a este tipo de *corpora* – temporal, temática, âmbito, língua, variedade, etc. Na criação deste repositório de documentos utilizaremos um sistema TEI (*Text Encoding Initiative*) P5 (<http://www.tei-c.org/Guidelines/P5/>) com capacidade de expressão para uma enorme variedade de conceitos e componentes textuais através de XML, disponibilizando um esquema para informação textual muito modular e de fácil adaptação a um contexto aplicacional específico como o caso que dos *corpora* textuais.

Neste artigo apresentaremos o processo de desenho e construção deste sistema de gestão de *corpora* textuais em TEI, revelaremos a forma como os diversos tipos de documentos crioulos orientais de base portuguesa podem ser armazenados no sistema e demonstraremos a sua exploração na procura e descoberta tanto de elementos simples como de padrões linguísticos mais evoluídos.

32. PERPÉTUA SANTOS SILVA CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA – CIES/ISCT, PORTUGAL

PERPÉTUA SANTOS SILVA é investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Processos de Recomposição Social e Reconfiguração Cultural”, onde se encontra atualmente a desenvolver projeto de investigação subordinado à temática da língua portuguesa em Macau, para o qual conta com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

É doutoranda no Programa de Doutoramento em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa/ISCTE-IUL e bolsreira da Fundação Oriente. As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades. Participou em diversos projetos de investigação e foi colaboradora do Instituto Camões entre 1998 e 2003, onde desenvolveu o gosto pela língua portuguesa como objeto de estudo da sociologia.

TEMA 2.3. APRENDER PORTUGUÊS NA RAEM: RAZÕES E OUTRAS REPRESENTAÇÕES

De uma forma genérica, podemos considerar que todos os que se envolvem no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (é nesta situação que se encontra a esmagadora maioria daqueles que estiveram na base da investigação de cujos resultados se fala nesta comunicação ao Colóquio da Lusofonia) têm expectativas em relação ao campo de possibilidades que essa língua lhes abrirá e que equacionam em função do *valor no mercado* que a mesma lhes pareça assumir. Se aceitarmos, como nos diz De Swaan, que cada indivíduo irá optar por aprender a língua que, espera, lhe traga maiores benefícios e que se lhe afigure de maior utilidade, parece-nos claro que a ação desencadeada pelos atores na sua tomada de decisão se encontra nitidamente orientada para um fim e que ao comportamento desenvolvido está associado um determinado sentido. A assunção de que uma língua, seja esta qual for, serve determinados objetivos e que aqueles que a aprendem têm em vista (ou a expectativa de) satisfazer determinadas necessidades não equivale a reduzir a uma dimensão meramente utilitarista (num sentido económico restrito) os fins que procuram atingir. Serão as diferentes conceções que têm, no nosso caso, sobre a língua portuguesa, formuladas de acordo com a informação que sobre a mesma detêm e de forma não independente das suas características e posicionamentos sociais, logo trajetórias, que *guiam e justificam práticas e comportamentos* dos indivíduos que em relação a esta língua orientam a sua ação. De acordo com as características encontradas na população em análise, podemos esperar que as suas *disposições* para aquisição de recursos linguísticos em português se orientam, prioritariamente, em função de expectativas relativas ao alargamento de oportunidades profissionais. No entanto, prioritariamente não significará exclusivamente, podendo este investimento conjugar outras dimensões. Para além de apresentar alguns dados sociográficos, procuraremos, também, avaliar o posicionamento de um conjunto de estudantes de português na RAEM neste início de século relativamente a uma bateria de indicadores que sugerem alguma capacidade analítica no que respeita aos sistemas de disposições que estão na base de lógicas de aproximação desenvolvidas em relação à língua portuguesa.

33. ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS, docente e investigadora na Universidade do Minho, doutorou-se na Universidade do Minho, em 1993, com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire. Estudo da receção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. Do romantismo ao modernismo.*



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Desde então, tem-se consagrado ao ensino da literatura comparada e da literatura francesa, bem como à orientação de teses de Mestrado e de Doutoramento.

Tendo participado em muitos Colóquios, nacionais e internacionais, publicou, em 2007, “Os Fantasmas de Troia: *La Bella Elena*” e, em 2009, “*Monsieur Proust: O Homem das Leituras Solitárias*”.

É, atualmente, Diretora do Departamento de Estudos Românicos e do *Master* em Estudos Franceses, encontrando-se a preparar, de parceria com a Dr.^a Helena Chrystello, uma *Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos*.

A publicação do seu próximo ensaio intitulado *O Retrato do Artista na Ficção* está prevista para janeiro de 2011.

A publicação do seu próximo ensaio intitulado *O Retrato do Artista na Ficção* está prevista para 2011.

Ministrou o 1º curso breve “INSULARIDADES E AÇORIANIDADES” um projeto dos Colóquios da Lusofonia.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL

TEMA 1.1. HOMENAGEM A HENRIQUE DE SENNA FERNANDES.

No seu *Ad Memoriam* o escritor açoriano Rodrigo Leal de Carvalho recorda a “saudável amizade” por Henrique de Senna Fernandes, revisitando o gosto comum pela literatura, pelo cinema, pela História e pela vivência de um passado de Macau que, nesse tempo, “falava alto” à embrionária “imaginação do romancista”.

Quedando-nos nas quatro obras legadas pelo escritor macaense (já que três ficaram inconclusas), difícil se torna não salientar

1. a sua vertente autobiográfica ou de autoficção, patente nos *Contos de Macau (Mong-Há e Nam Van)*, de entre os quais destacamos, partindo da distinção estabelecida pelo advogado entre conto e romance, “Um encontro inesperado”, “Uma pesca ao largo de Macau” e “Candy” (a sua novela favorita);

2. a sua socialidade, no âmbito da sociocrítica, vazada nas páginas dos romances *Amor e dedinhos de pés* e *A trança feiticeira* (ambos adaptados ao cinema), patente quer no contraste entre o “europeu” e o “macaense”, quer na antinomia entre a cosmopolita Xangai e a provinciana “cidade cristã”, quer no gosto pela hodologia que tanto reforça a separação entre línguas, hábitos e mentalidades como gera a indignidade de reputações e se deleita, por fim, nesse inferno de curiosidade pela vida de outrem;

3. a sua temática recorrente ou, mais bem dito, o percurso iniciático de cunho algo picaresco dos protagonistas, a assunção compungida dos seus erros e vícios, o subsequente amadurecimento espoletado por escolhos sucessivos e o renascimento final por via do amor, traduzindo quer o renascimento da personagem, quer a fusão sino-ocidental na antiga cidade de Macau, encarada como um espaço de invejável harmonia, apesar da sua interculturalidade;

4. a sua perspetiva narratológica, revelada com mestria tanto pelo recuo temporal de uma ação que se vem encaixar no tempo presente da intriga como pela ocorrência, a par e passo, de resumos que relembram ao leitor as vivências e mundividências das personagens.

Na “Conclusão”, e após recapitularmos os itens supracitados, abordaremos esquematicamente algumas afinidades estéticas e literárias entre os dois “contadores de histórias”: o Autor homenageado e Rodrigo Leal de Carvalho (autor de *Requiem por Irina Ostrakoff*, de *Ao Serviço de Sua Majestade* e de *A IV Cruzada*).

RAQUEL BEATRIZ DE LIMA MACHADO - UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL

RAQUEL MACHADO nasceu em Ponta Delgada, em 1987.

Ingressou no Conservatório Regional daquela cidade açoriana aos seis anos de idade, onde foi aluna da Prof.^a Irina Semiónova e completou o 8º Grau de Piano com a classificação de 18 valores.

Enquanto aluna daquela instituição, participou em diversas audições, recitais e concertos, como solista ou integrando grupos de música de câmara e coro.

Em julho de 2009 terminou a Licenciatura em Música – Variante de Piano, na Universidade de Aveiro, na classe de Piano da professora Nancy Lee Harper e na classe de Música de Câmara do professor António Chagas Rosa.

Em dezembro de 2009 recebeu o Prémio Caixa Geral de Depósitos – Melhor finalista da Licenciatura em Música, numa cerimónia que teve lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro.

Participou em diversos master classes com os pianistas Massimiliano Valenti, Rudolfo Rubino, Mário Laginha, Paulo Pacheco, Sofia Lourenço, Miguel Borges Coelho, e Sergei Milstein. No âmbito dos Cursos Internacionais de Música de Guimarães, trabalhou Música de Câmara sob a orientação de António Saiote.

Em 2007 participou no recital de encerramento do Congresso Europeu de Professores de Piano (ESMAE, Porto), e no mesmo ano atuou na Sessão Solene Comemorativa da Elevação da Ribeira Grande a Vila, que decorreu no Teatro Ribeiragrandense.

Em 2006 ingressou na Lira Açoreana, sendo a primeira pianista desta orquestra constituída por jovens músicos açorianos.

Enquanto membro do coro do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro participou já em diversos concertos, dos quais se destacam a Missa da Coroação (Mozart), Requiem (Brahms), A Criação (Haydn), a Nona Sinfonia (Beethoven), Sinfonia Coral (Beethoven) dirigida pelo maestro António Saiote e onde foi solista o pianista António Rosado.

Atualmente estuda canto com a soprano Isabel Alcobia.

Como soprano, apresentou-se pela primeira vez como solista em maio de 2010 no Teatro Micaelense (S. Miguel – Açores), interpretando a *Missa Breve* de Deliebens e *Alleluia* de Mozart.

FOI CANTORA SOPRANO CONVIDADA DO 14º COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM Bragança (outubro 2010) e está presente em Macau com o apoio da Presidência do Governo Regional dos Açores

34. RAUL LEAL GAIÃO



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



RAUL LEAL GAIÃO, Mestre em Língua e Cultura Portuguesa/Estudos Linguísticos, com a dissertação de *Aspetos Lexicais na Obra de Autores Macaenses* (publicada).

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Licenciado em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Colaborador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Colaborador do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Desenvolve investigação na área do falar/dialecto macaense, tendo escrito e publicado vários artigos:

- "Línguas de Macau" in *Dicionário Temático da Lusofonia*.

- "Nhónha-nhónha – A Reduplicação no Crioulo Macaense", in *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa*.

- "Asiaticismos no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa", in *SIMELP, I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*.

- "Asiaticismos no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa", in *Atas/Anais 4º Encontro Açoriano da Lusofonia*.

- "Representações do crioulo macaense", in *SIMELP*

Tema 1.1 ADÉ: REPRESENTAÇÕES de Dóci Papiaçã di Macau

O crioulo, também conhecido por *patuá*, *papiaçã*, *língua maquista*, *papiá cristã di Macau*, *lingu nhonha*, inserido num espaço onde era falado o português pelos portugueses europeus ou reinóis e o chinês/ cantonês pela comunidade chinesa, começou provavelmente a sua formação nos finais do século XVI, sendo falado pela comunidade macaense até às primeiras décadas do século. XX.

O processo de descrioulização decorre a partir dos últimos anos do século XIX, devido não só à pressão do português em presença (língua dominante, de prestígio e língua da administração), mas também à intensificação da instrução e à forte crítica social, pois era considerado língua das nhonhas, língua das pessoas pouco instruídas.

Enquanto decorre este processo, José dos Santos Ferreira, Adé, nascido em Macau a 28 de julho de 1919 e tendo falecido a 24 de março de 1993, vivendo durante toda a vida na sua terra natal, cria uma vasta obra composta de poemas, peças de teatros, novelas e textos diversos em patuá, onde reflete as suas representações sobre o crioulo macaense (*dóci papiaçã di Macau*), nomeadamente o seu futuro, sobre o tempo da sua terra (*tempo passado di nosso Macau*) e da sua gente (*têm gente co ôlo dôci*).

35. ROLF KEMMLER, Deptº LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, ALEMANHA

Rolf Kemmler Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desde julho de 2010. Doutorado em Filosofia (Dr. phil. em Filologia Românica) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-*

1811), publicada em 2007. Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 com uma tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa: O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911* (publicada em 2001 como artigo na revista *Lusorama* sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com a maioria das publicações dedicadas à disciplina da historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVIII-XIX, às quais dedicou larga bibliografia especializada desde 1996 (cf.

www.diacronia.de/Lista_de_publicacoes_Diacronia.pdf).

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É sócio fundador da AICL

TEMA 3.5 UMA QUERELA LUSÓFONA COM FINAL FELIZ: A ENTRADA EM VIGOR DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1990

Quase vinte anos após a assinatura do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa pelos Ministros de Cultura e detentores de cargos afins dos países lusófonos em Lisboa no dia 16 de dezembro de 1990 e noventa e nove anos após a oficialização da primeira reforma ortográfica oficial em 12 de setembro de 1911, o novo regime ortográfico passou a entrar em vigor de forma retroativa devido ao aviso 255/2010 do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa (Aviso 255), publicado no *Diário da República* em 17 de setembro de 2010.

Considerando, por um lado, que os principais aspetos da história da ortografia simplificada desde 1911 até 2004 já foram ampla e detalhadamente estudados em Kemmler (2009) e tendo o período anterior sido estudado em Kemmler (2001), pretendemos apresentar um estudo dos principais atos e eventos desde o *Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico* de 2004 até 2011, ano em que se comemora o primeiro centenário do estabelecimento a ortografia simplificada.

Por outro lado, e porque nos parece óbvio que a recente oposição mediática à uniformização ortográfica através do Acordo Ortográfico acabou por falhar, logrando-se apenas que fosse retardada a adoção desta medida ortográfica à qual os países lusófonos se tinham comprometido, convém estudar em que medida a entrada em vigor *de facto* em 2009 passou a produzir efeitos tanto em Portugal como no Brasil e nos outros países signatários e aderentes.

36. SUSANA ANTUNES EB 2,3 MAIA, S. MIGUEL, E

37. PAULO ANTUNES, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Susana Maria Loureiro da Silva Matos Antunes

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Português e Francês (ensino de) e mestre em Cultura e Literatura Portuguesas pela Universidade dos Açores, tendo apresentado uma dissertação intitulada *Imagens Críticas do Brasil na Geração de 70: Eça de Queirós e Batalha Reis*. Pertence ao Quadro de



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Nomeação Definitiva da Escola Básica 2,3 da Maia – S. Miguel – Açores, onde exerce funções de docente.

É sócia fundadora da AICL

Paulo Custódio Pires Antunes

É Investigador na Universidade dos Açores

TEMA 3.5 NEMÉSIO E O SER AÇORIANO

«Sou ao mesmo tempo e, acima de tudo, português açoriano europeu, americano brasileiro e, por tudo isto, românico hispânico e ocidental e gostava de ser homem de todo o mundo.», assim se definia Vitorino Nemésio, num dos momentos mais significativos da sua vida, ao receber o Prémio Montaigne, atribuído pelo seu contribuinte para o património cultural da Europa e a defesa da universalidade da literatura.

Representando a ilha um universo de experiência, o eixo do mundo, Nemésio define o ilhéu como uma rocha, rodeado por mar, aconchegando na concha, a sua casa.

Em Vitorino Nemésio a Geografia predomina sobre a História e o conceito de açorianidade surge em 1932: “ (...) *A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar. Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água (...)*”, testemunhando uma idiossincrasia muito própria resultante de (...) *“uma forte variedade da nação portuguesa, criada em meio milénio no isolamento norte-atlântico.”*

Mesmo fora da ilha, Nemésio continua a vê-la e a senti-la.

Ele próprio, no seu modo de ser e de agir e através da componente da sua obra literária, constitui o exemplo do homem universal, do açoriano no mundo sempre disposto a participar no encontro de civilizações, de culturas.

A singularidade do ser açoriano nomeado na obra de Vitorino Nemésio assume no conto «O Arquipélago dos Picapaus» a condensação da experiência da solidão insular de um emigrante, John Derosa, que regressa à sua ilha.

Não é o torna-viagem que regressa para se exibir (ou para se esconder do fracasso!), mas sim o ilhéu que vive no limbo entre o passado e a saudade da ilha a que regressa.

38. TIAGO ANACLETO-MATIAS, PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS, BÉLGICA

tiago.ferreira@europarl.europa.eu; tagusnunos@hotmail.com

TIAGO ANACLETO-MATIAS é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*. Possui uma pós-graduação em

Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004).

Com a presente comunicação é a quarta vez que participa nos Colóquios da Lusofonia: Açores (2008 e 2009), Bragança (2009) e a quinta num Encontro Internacional (I Congresso Internacional de Estudos Interculturais do ISCAP, 2008). As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada.

Tem igualmente cooperado no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil.

Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

É sócio fundador da AICL

TEMA 3.5. O ESTADO ATUAL DA LÍNGUA NA COMUNICAÇÃO À ESCALA EUROPEIA E MUNDIAL. EM QUE POSIÇÃO ESTRATÉGICA SE ENCONTRA E ENQUADRA O PORTUGUÊS? – VISÕES E REFLEXÕES

O facto de estar a trabalhar numa organização internacional em que as línguas detêm um estatuto primordial no desempenho do dia-a-dia institucional e representam o elo de ligação nas comunicações dos representantes do povo, e onde se atribui a mesma importância a todas as línguas sejam elas bastante dispersas ou não, leva a questionar se a língua portuguesa é indubitavelmente defendida e, sobretudo, divulgada em larga escala, não só a nível europeu, mas sobretudo à escala mundial.

Tendo presente o provérbio eslovaco “Aprende línguas e serás alguém”, tentar-se-á comprovar se o Português tem, ao lado das outras línguas, a mesma hipótese de vingar, sendo estudado, divulgado e utilizado em grande amplitude no plano internacional, visto haver na União Europeia, atualmente, vinte e três línguas oficiais.

Durante esta análise, levantar-se-ão não só estas questões, mas também se descortinará quem são os intervenientes na preservação e difusão do português como língua de comunicação, de tradução e interpretação, de ligação entre povos e de uso no comércio internacional.

Atualmente, ainda a aguardar-se que os anos e a inércia passem em Portugal para se efetivar, final e irreversivelmente, a aplicação do Acordo Ortográfico, há a preocupação de se descobrir também se as várias Instituições Europeias estão preocupadas em começar, ou não, a utilizar a nova grafia da língua portuguesa como se fez, aliás, com a língua alemã há alguns anos atrás. Por último, tentar-se-á decifrar se o português continua a manter a sua posição no quadro mundial das línguas mais usadas no mundo e se os vários países onde se fala o português têm a preocupação de manter viva a sua língua, senão materna, pelo menos de comunicação interpessoal..

39. VASCO PEREIRA DA COSTA, ESCRITOR AÇORIANO, CONVIDADO ESPECIAL DOS COLÓQUIOS NO BIÊNIO 2010-2011

VASCO PEREIRA DA COSTA nasceu em Angra do Heroísmo, no ano de 1948. Professor do ensino secundário durante vários anos, esteve ligado à formação de



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



professores, exercendo funções docentes na Escola Superior de Educação de Coimbra.

Desempenhou funções de diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Coimbra.

Tem proferido conferências sobre temas literários e pedagógicos em Portugal e nos EUA, Brasil, Venezuela, África do Sul, Senegal, Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda e Itália.

Integrou o grupo de trabalho "Culture sans frontières" da DG X da União Europeia para o estudo do turismo cultural nas cidades europeias de média

Em representação da A. P. E. tem integrado diversos júris de prémios literários, designadamente, o Grande Prémio A. P. E. de poesia.

Foi representante de Portugal no programa FAULT LINES da True and Reconciliation Commission da República da África do Sul.

Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011 como escritor convidado.

É sócio fundador da AICL

Tem trabalhado para a rádio e para a televisão em programas de índole literária e cultural e exercido, nesta área, funções de consultor para programas infantis.

Foi diretor regional da cultura dos Açores (2003-2008) e antes disso foi cônsul honorário de França em Coimbra.

Integra o Conselho Diretivo da Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento (FLAD)

PRINCIPAIS OBRAS PUBLICADAS:

Nas Escadas do Império: Contos. (1978) Coimbra, Centelha

Amanhece a Cidade, romance. (1979) Coimbra ed. Centelha

Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo, (1980) novela; ed. Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. Lisboa.

Ilhíada; (1981), (poesia) Angra do Heroísmo: SREC, col. "Gaivota".

[Plantador de Palavras, Vendedor de Lérias, 1.º Prémio Torça de 1984; \(ler extrato aqui\)](#), (1984) Coimbra, Câmara Municipal,

Memória Breve, (1987) contos. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura

Terras; (1997), (poesia) 1ª ed. Porto: Campo das Letras

Riscos de Marear; (1992) (poesia) Ponta Delgada : Eurosigno

Sobre-Ripas-Sobre-Rimas; (1994), Coimbra: Minerva

My Californian Friends; (1999), ed. Gávea-Brown:

[My Californian Friends \(2ª Edição\)](#) (2000) Viseu, Palimage Editores

Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo, novela;

Memória Breve, contos

Além do mais é pintor, com o pseudónimo Manuel Policarpo.

As suas mais recentes Exposições de Pintura ocorreram em 12 de junho de 2009, no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, depois na Ilha Terceira e em outubro 2009 em São Miguel (Portas do Mar). Intitulavam-se **As Ilhas Conhecidas - Cartografia e Iconografia**. Pintura crítica do Espírito Santo..."

Manuel Policarpo é oriundo da ilha do Pico. Com rápida passagem pela Terceira, desde há muito que vai calcorreando o mundo. Contudo, quando lhe perguntam onde nasceu, responde, mitificando:

nasci numa ilha por cima do mundo.

Alardeia que é circunstância do tempo e dos espaços e que apenas caminha por onde o levam seus próprios passos. Mas reclama a sua condição de intelectual europeu e, por isso, mantém uma ativa distância por tudo o que é localista, regionalista, nacionalista, com pavor por toda a manifestação chauvinista.

Vagamundeou o planeta – a Europa, antes de mais, onde descobre a latinidade e o romanismo como essência do aprendizado; as áfricas, de que não detém nem ao menos os cheiros; as américas que o deslumbram de Norte a Sul; as áσίας que o inebriam, mas que lhe deixam, apenas, fugazes miradas que, a custo, guarda na memória.

Reconhece, no entanto, ser ilhéu do Atlântico, reivindicando a ancestralidade de povoador primeiro dos Açores, reproduzindo, sobretudo, por mor de um tal capitão Thomé Gregório Ramalho, fecundador insaciável da Prainha do Norte, e de um tal João Salinas, escravo dos religiosos de São Francisco de Angra, putativo pai de uma pequena que vem a casar com Manuel de Barcelos, do melhor semental do Ramo Grande da Terceira: escravo e senhor, assim organiza o seu código genético.

Aprendeu as capacidades expressivas da cor, primeiramente com a mãe, artista do efêmero, artífice de flores de açúcar, hábil manuseadora dos corantes for cooking effects (special effects...), que deslumbravam a burguesia angrense. Aliás, em entrevista a um diário português entretanto desaparecido, em 1978, considera que a gastronomia é a mais próxima arte da pintura. Mas também aprendeu as pinceladas infantis com velhas tias, que matavam as tardes húmidas esticando telas, bordando panos, repetindo mortas naturezas, moribundas cenas de caça, ingénuas representações etnográficas.

Depois, partiu, sem bilhete de retorno, à descoberta de sítios, paisagens, museus, mausoléus, poetas, escultores, pintores, gente, cidades com gente dentro, campos infindos com alma pressentida.

Correu o Vale de Santarém, Ceca, Meca, a Casa do Diabo, o Cu de Judas, a Canada do Briado... Nunca tirou fotografias, com a presunção de que as pupilas dos olhos estabeleceriam free connection com os infindáveis rams da memória, e que guardaria no disco duro os motivos essenciais do que queria figurar. Enganou-se: reconhece, hoje, que muito jeito lhe daria uma oficina que procedesse a um upgrade no disco duro da moleirinha.

Nunca vendeu um quadro, vejam bem.

Afirma, no entanto, ter olhos de cartógrafo, mãos impulsivas, índole de gravador. Experimenta, experimenta sempre, nunca estabelecendo, a priori, a técnica que vai utilizar. Deslumbra-se com o exótico, e vai inscrevendo mapas, rotas, mitos, símbolos...crendo, assim simular, em síntese, o que viu em vasos gregos, em paper-rocks indo-americanos, nos flamengos prediletos, nos impressionistas afeiçoados, nos contemporâneos ousados. Confuso, portanto.



ORGANIZAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Por isso dele dizem: é um poseur! – alça a sobranceira esquerda por detrás das lentes do estigmatismo com desdenhoso trejeito perante a mediocridade e, tão só porque peregrinou as sete partidas e já tem cãs sobejas e aprendizagens múltiplas, nem sequer reage aos que o sussurram como dileitante, cultivando uma ironia que, por vezes, roça o sarcasmo impiedoso.

- ‘Tou-me maribando! – proclama do pico do Pico da sua altivez senhoril, do cume da sua libertada escravidão, do topo da sabedoria que lhe concedeu o passado.

Nunca vendeu um quadro, mas tem uma invejada coleção de arte, que foi construindo através de trocas com pintores conhecidos e ignorados – desde o Camboja, Rajastão, França e araganças, quase todas as presque-îles. E, assim, as suas obras estão dependuradas nos muros dos quintos do mundo.

Afirmam os amigos mais íntimos que do que gosta, mesmo é da blague. E ninguém, como ele, de um modo muito vencidista-esquerdelhista, conforme à sua feição de incorrigível vieux soixante-buitard, négligé soigné, cultiva a amizade seletiva, libertária, boémia e transgressora.

Donde, custa a entender por que, finalmente, resolve mostrar, em exibição, o que tem feito. Por mim, que o conheço há perto de sessenta anos, creio que é por amor às suas ilhíadas (ao Pico e à Terceira de afeições terrunhas, primordialmente) e também por vínculos de fraternidade a Dimas Simas Lopes, condiscípulo, utópico como ele que resolve sustentar uma galeria no não-lugar, cartografado no Terreiro do Galhardo, Ladeira Branca, freguesia da Feteira, ilha Terceira, Açores, omphalós, do planeta.

Vasco Pereira da Costa

Tema 3.5 “Angra do Heroísmo – escala universal da literatura”?

Gaspar Frutuoso, primeiro cronista das ilhas atlânticas, registou em *Saudades da Terra* que a ilha Terceira e a sua cidade de Angra eram a *escala universal do mar poente*, posto que à enseada aportavam as especiarias das índias orientais e o ouro e a prata das índias ocidentais.

Emanuel Félix, num opúsculo publicado em 1970, *Angra no último quartel do séc XVI*, evoca os escritos de João Hugo Van Linschoten, um mercador e explorador neerlandês que, na sequência de um naufrágio, aportou a Angra, elaborando um belo mapa da cidade e anotando um rol de curiosidades sobre a vida daquela *pequena Lisboa*. Ainda no século XVI, Pompeo Ardit, natural de Urbino, arquiteto contratado por D. Sebastião para elaborar planos de defesa das ilhas, descreve a *città molto bella, e bene acasata*.

Assinale-se, no século XVII, o *Espelho Cristalino* de frei Diogo das Chagas e, na transição para setecentos, o Padre António Cordeiro com a sua *História Insulana*, contendo ambas as obras de cariz historiográfico, referências e curiosas pequenas narrativas que aproximam as crónicas da índole ficcional.

Contudo, o registo histórico raramente coincide com os géneros literários, se bem que, alguns casos, os cronistas se deixem seduzir pelo maravilhoso, sobretudo quando a sua condição de eclesiásticos lhes impõe a explanação de milagres e a necessidade de atear nos mortais fumos de santidade: e, então, fundem-se a realidade e a fantasia.

As crónicas destes primeiros narradores da história açoriana permitem, no entanto, aos poetas e ficcionistas gizar cenários, desenhar personagens, desdobrar panos de fundo, adotar pré-textos, porque os marcos históricos da cidade de Angra constituem um manancial aliciante para os escritores. Deste modo, o povoamento e as tentativas de descoberta de terras a Ocidente dos Açores; a mercancia de ouro e de especiarias com toda a carga de aventura e de trágico marítimo; o exílio de personalidades como D. Afonso VI, de Gungunhana, do Marechal Gomes da Costa, de opositores ao regime fascista que fizeram das fortalezas angrenses os primeiros tarrafais; a resistência aos Filipes criando figuras míticas como Brianda Pereira e mitificando individualidades como D. António Prior do Crato e D. Violante do Canto; o facto de Angra ter acolhido o exército liberal e de ter sido capital do Reino com a presença de D. Pedro IV; a emigração para o Brasil, Estados Unidos e Canadá; a instalação de ingleses e americanos durante a segunda guerra mundial – toda esta carga factual constitui um manancial que os escritores irão explorar a partir do Romantismo.

40. Zaida Ferreira, Instituto Politécnico da Guarda, – UDI/UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, GUARDA, PORTUGAL

Zaida Pinto Ferreira é licenciada em Estudos Anglo-Americanos, mestre em Estudos Americanos e doutoranda em Literatura Americana na Universidade Aberta de Lisboa.

Docente do Ensino Superior Politécnico desde 1989, começou a lecionar no Instituto Politécnico da Guarda, na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto.

Atualmente, leciona na Escola Superior de Turismo e Hotelaria deste Instituto, desde o ano de 2000 e é Presidente do Conselho Técnico-Científico.

Foi Presidente do Conselho Pedagógico durante quatro anos, assim como Presidente do Conselho Científico de 2000 a 2004.

Tem participado em diferentes congressos com apresentação de algumas comunicações e publicou artigos em revistas de cariz científico e em Atas de congressos.

TEMA 3.6 JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS E LESLIE SILKO – DOIS AUTORES, DUAS VOZES NA DEFESA DA PRESERVAÇÃO DO PLANETA

José Rodrigues dos Santos, no romance *Sétimo Selo*, assim como Leslie Silko, no romance *Almanac of the Dead*, expressam uma inquietação comum em relação ao futuro, considerando que a sobrevivência da civilização pode estar ameaçada.

Apesar das diferenças a nível cultural, linguístico, une-os a conjugação de esforços na luta pela mesma causa – a preservação do planeta. Quer o romance de Rodrigues dos Santos quer o romance de Leslie Silko alertam o leitor para os sinais evidentes de exaustão ambiental

A presente comunicação tem como objetivo analisar os dois romances e consequentemente as vozes dos seus autores em consonância com as previsões de cientistas ambientais, de entre os quais se destaca James Lovelock.